

**MARIA CRISTINA FERREIRA DOS SANTOS**

**VASCO E A DIALÉTICA DO ESQUECIMENTO**

**PORTO ALEGRE  
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA  
ESPECIALIDADE: LITERATURA BRASILEIRA  
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, IMAGINÁRIO E HISTÓRIA**

## **VASCO E A DIALÉTICA DO ESQUECIMENTO**

**MARIA CRISTINA FERREIRA DOS SANTOS**

**ORIENTADORA: PROF. DRA. REGINA ZILBERMAN**

Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE  
2011**

Para meus pais, Valdir e Maria Helena

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, fontes de ternura, incentivo e compreensão.

A Regina Zilberman, pela orientação perspicaz.

A todos os professores que fizeram parte da minha jornada de estudos.

## RESUMO

Em 1936, teve início, na Espanha, a Guerra Civil Espanhola, que colocou em combate a direita, a qual lutava pela permanência da monarquia, e as distintas vertentes esquerdistas, que almejavam a instalação do Regime Republicano e a modernização do país. Os países latino-americanos viveram situações análogas de luta pela modificação governamental e pela concessão de direitos aos proletários. A grande maioria das tentativas foi infrutífera, como é o caso do Brasil, com a Coluna Prestes e a Intentona Comunista. Por isso, muitos brasileiros, que tinham inclinação republicana, se solidarizaram com a causa dos *vermelhos* espanhóis e se alistaram como voluntários das Brigadas Internacionais. Esse foi o caso da personagem Vasco Bruno, do romance *Saga*, de Erico Verissimo, que se destinou à Espanha para auxiliar a República. Durante o período que permaneceu na Espanha, e depois de retornar ao Brasil, Vasco escreve um romance, como forma de catarse para seus traumas e culpas, em que relata os motivos que o levaram a se alistar, as suas tentativas de esquecer o passado para suportar o ambiente hostil da guerra, os acontecimentos trágicos da guerra e, ademais, a sua volta ao Brasil e como era a vida para um intelectual militante. Dessa forma, a presente pesquisa, de caráter bibliográfico, analisa a formação da Memória Cultural da Guerra Civil Espanhola a partir da perspectiva de um voluntário brasileiro, além de verificar a concepção histórica que permeia o romance *Saga*. Para isso, são utilizados os pressupostos teóricos de Henri Bergson, Sigmund Freud, Harald Weinrich, Jan Assmann, Paul Ricoeur, Walter Benjamin e Martin Heidegger. Contata-se que a elaboração de um romance por um ex-voluntário, que foi uma testemunha dos horrendos acontecimentos, perpetua esta memória e propicia a reflexão sobre as barbáries, das quais somos todos herdeiros.

**Palavras-chave:** Memória Cultural, esquecimento, Erico Verissimo, Vasco Bruno.

## RESUMEN

En 1936, tuve inicio, en España, la Guerra Civil Española, que colocó en combate la derecha, la cual luchaba pela permanencia de la monarquía, y las distintas vertientes izquierdistas, que almejavam la instalación del Regime Republicano y la modernización del país. Los países latino-americanos vivieran situaciones análogas de lucha pela modificación gubernamental y pela concesión de derechos a los proletarios. La grande mayoría de las tentativas fueran infrutíferas, como es el caso de Brasil, con la Coluna Prestes y la Intentona Comunista. Por eso, muchos brasileños, que tenían inclinación republicana, se solidarizaran con la causa de los *rojos* españoles y se alistaron como voluntarios de las Brigadas Internacionales. Ese foi el caso de la personaje Vasco Bruno, del romance *Saga*, de Erico Verissimo, que se destinó a España para auxiliar a la República. Durante el período que permaneció, y después de volver al Brasil, Vasco escribió un romance, como forma de catarse para sus traumas y culpas, en que relata los motivos que le levaran a alistarse, las tentativas de olvidar el pasado para suportar el ambiente hostil de la guerra, los acontecimientos trágicos de la guerra, y, además, su vuelta al Brasil y como era la vida para un intelectual militante. De esa forma, la presente pesquisa, de carácter bibliográfico, analiza la formación de la Memoria Cultural de la Guerra Civil Española a partir de la perspectiva de un voluntario brasileño, además de verificar la concepción histórica que permeia el romance *Saga*. Para eso, son utilizados los presupuestos teóricos de Henri Bergson, Sigmund Freud, Harald Weinrich, Jan Assmann, Paul Ricoeur, Walter Benjamin e Martin Heidegger. Constatase que la elaboración de un romance por un ex voluntario, que fue un testigo de los horrendos acontecimientos, perpetua esa memoria y propicia la reflexión sobre las bárbaries, de las cuales somos todos herederos.

**Palabras clave:** Memoria cultural, olvido, Erico Verissimo, Vasco Bruno.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A LETOTÉCNICA DA PERSONAGEM VASCO BRUNO .....	11
2 O CONCEITO DE HISTÓRIA EM SAGA .....	44
3 O ESCRITOR VASCO BRUNO E A FORMAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA .....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	85

## INTRODUÇÃO

A personagem Vasco Bruno, no romance *Saga* (1987), do escritor Erico Verissimo, se destina à Espanha para lutar como voluntário nas Brigadas Internacionais da Guerra Civil Espanhola. Essa personagem havia aparecido em narrativas anteriores, *Música ao longe* (2005) e *Um lugar ao Sol* (2000), em que acompanhou muitos dos acontecimentos históricos brasileiros.

Erico Verissimo considera *Saga* seu pior romance por causa da aparente artificialidade do desfecho e da inverossimilhança da personagem principal. Os críticos literários pouco falaram a respeito. Porém, neste romance desprezado, são abordadas questões históricas decisivas para o Brasil, para as Américas e para a Europa. Além disso, o enredo propicia discussões acerca da Memória Cultural, de sua elaboração e transmissão, e como ela é permeada de traumas e políticas do esquecimento.

Dessa forma, no primeiro capítulo da dissertação, denominado *A letotécnica da personagem Vasco Bruno*, far-se-á a retomada do contexto histórico brasileiro das décadas de trinta e quarenta do século XX, bem como do contexto espanhol, porque aquele diz respeito aos motivos que levaram alguns brasileiros a combaterem na Espanha, e este corresponde às razões para republicanos e franquistas lutarem.

Ademais, será feita a análise da personagem Vasco Bruno, como ele se comportara em narrativas anteriores, e quais de suas atitudes do pretérito influenciaram sua maneira de conceber a guerra espanhola. Ao registrar suas aventuras, Vasco almeja esquecer todos os horrores pelos quais passou, e o esquecimento, destarte, tornou-a uma espécie de *leitmotiv* da narrativa. Para examinar a maneira como o olvido determina o fluxo do enredo em *Saga*, será empregado o termo letotécnica, desenvolvido por Harold Weinrich, em *Lete: arte e crítica do esquecimento*, além das teorias de Henri Bergson e Paul Ricoeur.

Vasco Bruno torna-se um historiador ao registrar suas memórias. No segundo capítulo, *O conceito de história em Saga*, será definida a concepção de história que permeia o romance, bem como as transformações que a personagem sofreu entrementes às mudanças conceituais de sua narrativa.

Para isso, utilizar-se-ão as concepções filosóficas de Walter Benjamin, nas obras *Origem do drama barroco alemão* e *Sobre o conceito de história*, em que ele discorre sobre o narrador dialético, bem como as teorias de Martin Heidegger, que abrange as questões do ser, do tempo, da memória e do esquecimento.



Não apenas Vasco relatou suas lembranças traumáticas sobre a guerra na qual esteve envolvido, mas também outros combatentes o fizeram, os quais são oriundos de outras regiões e de outros países, e que, muitas vezes, discreparam dos ideais da personagem principal de *Saga*. Assim se forma o tema do terceiro capítulo, intitulado *O escritor Vasco Bruno e a formação da memória cultural da guerra civil espanhola*. Neste capítulo usar-se-ão as teses de Sigmund Freud, de seu livro *Moisés e o monoteísmo*, que discorre sobre neurose coletiva, e as de Jan Assmann, da obra *Religión y memoria cultural*, que discute a questão da proliferação da Memória Cultural.

## 1 A LETOTÉCNICA DA PERSONAGEM VASCO BRUNO

Para examinar o romance *Saga* de Erico Verissimo, lançado em 1940, no qual a personagem Vasco Bruno foi lutar como voluntário na Guerra Civil Espanhola, é necessário, *a priori*, tratar do contexto sócio-histórico brasileiro e europeu da década de trinta do século XX, descrever os motivos que levaram Erico Verissimo a escrever esse romance e justificar a escolha daquela personagem, que aparecera em narrativas anteriores, para protagonizar a aventura em terras espanholas.

No Ocidente, o final da década de vinte e de toda a década de trinta constitui em um período de profundas mudanças econômicas e sociais, que contribuíram para o surgimento de conflitos. Os motivos para a eclosão da guerra espanhola estão interligados aos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial e às suas conseqüências para diversos países.

Os primeiros anos do século XX, de acordo com Gilberto Cotrim (1997), começaram de forma agitada no continente europeu, pois havia choques de interesses entre as nações europeias e, por isso, algumas delas formaram alianças e se armaram. Isso se deveu à concorrência econômica, porque as grandes potências industriais buscavam dificultar a expansão econômica dos países concorrentes, o que era mais intenso entre a Inglaterra e a Alemanha.

Outro fator que colaborou para o aumento da tensão foi a disputa colonial, especialmente pelas terras africanas e asiáticas. As grandes potências acreditavam que a conquista de novas terras era a solução do capitalismo monopolista, principalmente para os problemas de excedentes de produção.

Além disso, havia movimentos nacionalistas, que visavam agrupar, em um mesmo Estado, povos considerados de mesmas raízes culturais.

Houve, ainda, duas crises que se constituíram no estopim da Primeira Guerra Mundial, uma delas foi a Crise de Marrocos, pois França e Alemanha disputavam a região. Quando foi deliberado, em uma conferência, que a França teria supremacia sobre Marrocos, os alemães não se conformaram, iniciando, dessa forma, conflitos. A França, entretanto, para evitar a guerra, cedeu parte de seu território africano. Outra foi a Crise dos Bálcãs, pois um dos principais focos de atrito entre as potências européias era a península balcânica, onde se chocavam o nacionalismo da Sérvia e o expansionismo da Áustria, conforme Gilberto Cotrim (1997),

Em 1908, a Áustria anexou a região da Bósnia-Herzegovina, ferindo os interesses da Sérvia, que pretendia criar a Grande Sérvia, incorporando aquelas regiões habitadas por eslavos.

Os movimentos nacionalistas da Sérvia passaram a reagir violentamente contra a expansão austríaca da Bósnia-Herzegovina. Foi um incidente ligado ao movimento nacionalista da Sérvia que serviu de estopim para a guerra mundial pouco tempo depois (COTRIM, 1997, p.338).

O atrito surgiu, propriamente, em 1914, com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco. O crime foi praticado pelo estudante Gavrilo Princip, ligado ao grupo nacionalista *Unidade ou Morte*, que era apoiado pelo governo da Sérvia. A partir disso, a Áustria reagiu militarmente, e outros países se envolveram no conflito. A Rússia mobilizou seus exércitos contra o império austro-húngaro e contra a Alemanha. Este país, por sua vez, declarou guerra à França e à Rússia, e invadiu a Bélgica, que era um país neutro. A Inglaterra exigiu que a Alemanha respeitasse a neutralidade da Bélgica, e, como isso não ocorreu, declarou guerra à Alemanha.

As nações que se envolveram no conflito foram: do lado da Alemanha e do império austro-húngaro, a Turquia e a Bulgária, e do lado da França, da Inglaterra e da Rússia: Bélgica, Sérvia, Japão, Itália, Portugal, Romênia, Estados Unidos, Brasil e Grécia.

Como recebiam ajuda material dos Estados Unidos, os ingleses e franceses iniciaram uma grande ofensiva contra seus oponentes. Entrementes, a Bulgária, a Turquia e o império austro-húngaro depuseram suas armas e abandonaram a luta. A Alemanha ficou impossibilitada de resistir sozinha ao bloqueio liderado pelos Estados Unidos, que privaram o exército alemão de víveres.

Em novembro de 1918, a Alemanha assinou um armistício em condições desvantajosas. Logo após o término do conflito, 27 nações vencedoras estabeleceram o Tratado de Versalhes, ou seja, um conjunto de decisões que impunham duras penas à Alemanha, tais como entregar a região da Alsácia-Lorena à França; ceder territórios à Bélgica, à Dinamarca e à Polônia; entregar seus navios mercantes à França, à Bélgica e à Inglaterra; pagar uma indenização em dinheiro aos países vencedores e ser proibida de possuir aviação militar.

A partir deste tratado, crescia, na população alemã, a vontade de revogar as duras imposições. O nazismo explorou esse intuito, formando uma consciência ideológica que resultaria na eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Durante a Primeira Guerra Mundial ocorreu a Revolução Russa, acontecimento importante porque provocou a ruptura da ordem socioeconômica capitalista, que se espalhava pelo mundo sob a hegemonia das grandes potências europeias e dos Estados Unidos.

Com essa revolução de 1917, surgia uma proposta de construção da ordem socialista, que se opunha frontalmente à ordem liberal capitalista.

A longa duração da guerra na Rússia provocou crise de abastecimento nas cidades, desencadeando uma série de greves e revoltas populares. Incapaz de conter a onda de insatisfação, o regime czarista mostrava-se intensamente debilitado.

Em 15 de março de 1917, o conjunto das forças políticas de oposição conseguiu depor o czar Nicolau II, dando início à Revolução Russa. Em 1921, o Partido Comunista impôs uma ditadura, proibindo toda a oposição ao regime socialista. Esse acontecimento abalaria o capitalismo e formaria um clima de tensão nos simpatizantes do totalitarismo.

Logo, o regime capitalista sofreu uma profunda crise, devido, especialmente, ao desequilíbrio econômico dos Estados Unidos. As indústrias americanas produziam demais e não encontravam compradores externos. A solução foi parar de produzir e de comprar. As grandes potências, destarte, perceberam que não podiam manter o liberalismo econômico e trataram de direcionar o poder absoluto ao Estado.

O crack da Bolsa de Valores de Nova York abalou o mundo inteiro, pois, não podendo vender, os Estados Unidos deixavam de comprar, provocando redução nas exportações dos países que vendiam seus produtos para o mercado norte-americano. Esse foi o caso do Brasil, que exportava café para os EUA. Com a crise de 1929, o estoque de café ficou sem mercado consumidor, o que resultou em um desastre econômico e desestruturou a República, abrindo caminho para a Revolução de 1930, que levaria Getúlio Vargas ao poder.

Os regimes democráticos liberais se tornaram incapazes de solucionar os problemas socioeconômicos, o que levou algumas potências aos caminhos do totalitarismo. Além dos problemas econômicos e sociais, outro fator que contribuiu para a centralização do poder foi o medo que o socialismo, a exemplo da Rússia, se expandisse.

Dessa forma, o regime totalitário repercutiu em distintas partes do mundo, como o nazismo alemão, liderado por Adolf Hitler<sup>1</sup>, o fascismo liderado por Benito Mussolini<sup>2</sup> o

---

<sup>1</sup> Adolf Hitler nasceu em Braunau, na Áustria, em 1889. Em 1907 alistou-se como voluntário no Exército Alemão. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi condecorado com a Cruz de Ferro, importante medalha atribuída como recompensa por mérito militar. Em setembro de 1919, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores Alemães, e, logo, tornou-se chefe absoluto desse partido. Quando tentou, em 1923, organizar uma rebelião contra o governo alemão, não teve êxito e foi condenado à prisão. Durante o tempo que ficou preso, escreveu o livro *Mein Kampf*, obra norteadora dos ideais nazistas. Oito meses depois de sua condenação, ele foi liberado e pode se dedicar à expansão do Nazismo. A alta burguesia pressionou o presidente Heinderburg a convidar Adolf Hitler para o cargo de chanceler. Segundo Gilberto Cotrim (1997), o Partido Nazista representava, para a burguesia, a solução para a crise do sistema capitalista. Hitler empenhou-se em fortalecer o poder alcançado, com métodos de extrema violência contra seus opositores. Para suspender as atividades políticas dos partidos socialistas, Hitler incendiou a sede do parlamento alemão e atribuiu o crime ao Partido Comunista. Com a morte

franquismo da Espanha, comandado por Francisco Franco<sup>3</sup> e, no Brasil, o Estado Novo, liderado por Getúlio Vargas<sup>4</sup>.

As distintas faces do regime totalitário estão interligadas à história da Guerra Civil Espanhola, pois, além de uma das frentes que combatiam querer instaurar o fascismo, a Espanha recebeu ajuda bélica bem como voluntários dos fascistas.

Adicionados a esses fatores que envolviam diversos países há, ainda, os motivos internos para a eclosão do conflito.

No início do século XIX, o colonialismo espanhol se encontrava em decadência, pois as colônias da América Latina começavam a conquistar independência. Entrementes, ocorria a invasão e a ocupação da península ibérica pelas tropas francesas de Napoleão Bonaparte.

---

do presidente alemão, Adolf Hitler assume o poder e estabelece o governo ditatorial com o intuito de reabilitar a economia do país e, especialmente, fomentar a produção de armamentos de guerra.

<sup>2</sup> Conforme Meihy e Filho (1996), Benito Mussolini instaurou, em 1922, na Itália, o primeiro governo fascista europeu. Sua carreira política iniciara em 1900 no Partido Socialista Italiano. Foi porta-voz dos esquerdistas do Partido. Nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, em que defendeu a participação da Itália no conflito com a Áustria, ele se afastou da corporação. Em 1914, fundou o diário *Popolo d'Italia*, destinado à propagação da ideologia socialista, o qual faria, mais adiante, o órgão oficial do Fascismo. Após sua participação na Primeira Guerra Mundial constitui o núcleo do movimento fascista. Depois de assassinado o líder da oposição Giacomo Matteoti por militares fascistas, em 1925, executou um golpe de estado e governou ditatorialmente. Reaproximou-se da Alemanha para participar da ajuda à Espanha durante a Guerra Civil Espanhola, com o intuito de vencer na Segunda Guerra Mundial. Comandou as tropas italianas quando entraram no conflito da Segunda Guerra Mundial. Depois de algumas derrotas, foi preso por ordem do rei. Foi libertado pelos alemães e logo foi fuzilado pelos italianos, por haver fundado a República de Saló, dominada por Hitler.

Fonte: [http://biografias.netsaber.com.br/ver\\_biografia\\_c\\_760.html](http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia_c_760.html)

<sup>3</sup> Francisco Franco y Bahamonde nasceu em El Ferrol, em 1892. Aos 15 anos entra para a Academia Militar de Alcázar, na cidade de Toledo. Aos 32 anos torna-se general da Espanha. Em 1931, quando o rei Alfonso XIII abdica, o governo de orientação esquerdista o substituiu. Recebe ajuda da Alemanha para vencer a Guerra Civil Espanhola e estabelecer a ditadura, apoiado pelo Exército e pela Igreja Católica até 1975, ano de sua morte, quando Juan Carlos I assume e promove a redemocratização do país.

<sup>4</sup> Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja, em 1882, estado do Rio Grande do Sul. Entre os anos de 1923 e 1926, foi deputado estadual, deputado federal e líder da bancada gaúcha. Em 1929, candidatou-se à presidência da República. Derrotado, chefiou o movimento revolucionário de 1930, através do qual assumiu o Governo Provisório. Durante o período em que governou o país, cresceu a atuação da Ação Integralista Brasileira, de inspiração fascista. Getúlio Vargas decretou a prisão de alguns partidários da Aliança Nacional Libertadora, o que levou à eclosão da Revolta Comunista, em 1935. Em 1937, foi instaurado o Estado Novo, determinando o fechamento do Congresso e a outorga de uma nova Constituição, que conferia a Getúlio Vargas o controle dos poderes Legislativo e Judiciário. Durante os anos de 1937 e 1945, que compreenderam o Estado Novo, ele criou o Conselho Nacional do Petróleo e o Departamento Administrativo do Serviço Público Nacional de Motores. Até 1941, em relação à Segunda Guerra Mundial, Vargas manteve um posicionamento neutro. Entretanto, após o torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães, ele declarou estado de guerra à Alemanha, Itália e Japão. A redemocratização do país ficou mais forte após o término da guerra, em 1945, pois os princípios do Estado Novo discrepavam dos ideais revolucionários defendidos pelos países aliados. Logo, Vargas foi deposto por um movimento militar. Em 1950, se reelege como presidente. O período que governou foi marcado pela luta para a implantação do monopólio estatal sobre o petróleo. Vargas se viu confrontado pelas Forças Armadas, que responsabilizavam sua guarda pessoal no envolvimento do assassinato de Lacerda. Por isso, e por acreditar que deveria renunciar, se suicida em 24 de agosto de 1954.

Fonte: [http://www.tvebrasil.com.br/noticias/040813\\_getulio\\_vargas.asp](http://www.tvebrasil.com.br/noticias/040813_getulio_vargas.asp)

Quando o Rei Fernando VII foi destituído, gerou-se um clima de revolta e fermentação de idéias. Logo, foi aprovada, em 1812, a primeira Constituição Liberal Espanhola.

Após inúmeras lutas, em 1814, os espanhóis lograram expulsar os invasores, restabelecendo, dessa forma, a monarquia no país. Nesse processo de lutas, duas vertentes se enfrentavam, a saber, os representantes da elite agrária, tradicionalista e conservadora, e os liberais. Esses eram representantes interessados na modernização do país, e que idealizavam um regime que oferecesse maior liberdade à população, ensino público gratuito, separação entre o poder político e a Igreja, e autonomia a algumas regiões, como a Catalunha e o País Basco.

No entanto, o conservadorismo da elite espanhola tentava manter a população sob controle, o que provocou frequentes reações populares.

Ademais da insatisfação do povo, em 1873, se desconhecia quem deveria ocupar o trono. Por isso, foi proclamada a Primeira República Espanhola, que durou apenas um ano. No final de 1974 o regime monárquico se restauraria.

Na segunda metade do século XIX, com a perda completa das colônias americanas e de todo lucro que estas geravam, a Espanha caiu em uma profunda crise econômica, a qual teve como consequência a alta dos preços dos alimentos, a fome e, com ela, epidemias.

Devido a essa crise financeira, não havia capital para a criação de indústrias a fim de atender às necessidades da população. Isso fez com que os trabalhadores organizassem sindicatos para contestar a ordem política e econômica.

Havia, no início, duas vertentes ideológicas, a anarquista, que visava à destruição do Estado e de todas as instituições que não oferecessem a plena liberdade humana, como a Igreja, as Forças Armadas, os partidos políticos e as escolas católicas, e a outra era a socialista, que propunha a utilização dos ideais do Estado para a execução de um programa de reformas sociais, com o intuito de fornecer melhores condições de vida aos trabalhadores.

Logo, surgiria uma terceira vertente, a dos comunistas, que tinha similitudes com os princípios da Revolução Russa. Esse partido defendia que o Estado poderia ser usado para favorecer aos trabalhadores. Para lograr seus intuítos, acreditava que era mister tomar o poder e estabelecer a ditadura do proletariado.

Diante de tantos descontentamentos, em 1923, o general Miguel Primo de Rivera estabeleceu, com a aprovação do rei Alfonso XIII, uma ditadura dentro da monarquia. O povo o apoiou, pois, com este ato, ele conseguiu amenizar o descontentamento tanto dos que queriam um representante distinto do rei quanto os que desejavam a permanência da monarquia.

No entanto, o apoio popular cessou em 1929, quando o general condenou alguns líderes operários, e grande parte da população trabalhadora ficou contra o ditador. Dessa forma, Primo de Rivera abandonou o governo.

Com a descontinuidade da Monarquia, a Espanha estava, outra vez, passando por transformações sociais. Em 1931, se deu início à Segunda República Espanhola, que vigoraria até que se elaborasse uma nova Constituição. Quem assumiu o poder com o intuito de estabelecer a democracia foi o advogado Niceto Alcalá Zamora.

A Constituição estabelecia a separação do Estado em relação à Igreja Católica, a diminuição das ordens religiosas, o divórcio, a autonomia de algumas regiões e o direito de voto livre para todos os maiores de 23 anos.

Diante dessas inovações, as elites ficaram descontentes com a República, especialmente a Igreja e os latifundiários, os quais formaram partidos políticos para modificar a situação. Surgiram a *Confederación Española de Derechas Autónomas*, apoiada pelo Vaticano, e a Falange, que pregava a implantação do fascismo no país, a exemplo da Itália e da Alemanha.

Além disso, os esquerdistas também estavam descontentes com a atuação da República, que apenas prometera medidas para diminuir seus problemas, mas que não as executou. Segundo Meihy e Filho (1996), eles começavam a ter divergências, pois:

Fragmentados entre as orientações do anarquismo, do comunismo e do socialismo, os partidos políticos de esquerda não só se opunham ao governo, mas também entravam em atrito uns com os outros. Com isso, a atuação desses grupos era enfraquecida pelo isolamento em que se mantinham (FILHO; MEYHY, 1996, p.15).

As manifestações de descontentamento foram concretizadas, como aconteceu em Sevilha, em 1932, quando um grupo de militares se insurgiu, exigindo o retorno da monarquia. Houve inúmeros saques às igrejas e aos conventos, comandados pelos anarquistas. O governo, por sua vez, com o propósito de conter os descontentes, prendeu os líderes e os condenou à morte.

Depois de uma enorme manifestação dos mineiros nas Astúrias, o governo da República entregou ao general Francisco Franco o comando da repressão. Com extrema violência, o novo líder, para acabar com a rebelião das Astúrias, mata mais de mil pessoas e faz aproximadamente trinta mil prisioneiros.

Quando houve eleições, a esquerda, desta vez unida, se mostrou mais forte que seu adversário, e retornou ao governo, com o representante Manuel Azaña. Ele restabeleceu as leis que visavam à Reforma Agrária e ao aumento dos salários.

A direita, por sua vez, insistia em pedir o auxílio de Mussolini e de Hitler, pois acreditava que, para que a nação sobrevivesse, a democracia deveria desaparecer.

As esquerdas, logo após o restabelecimento da República, voltaram a se fragmentar, o que dificultava o êxito das propostas do governo. Prevendo o conflito, tanto a esquerda quanto a direita investiram em armamento.

Logo, começa a guerra, que colocou em confronto duas grandes forças, a saber, de um lado a vertente democrática, de outro, os adeptos do nazifascismo, que foram apoiados por Hitler e Mussolini.

Francisco Franco, apesar de ter seguido alguns preceitos e recebido ajuda de Hitler e Mussolini, difere deles quanto aos intuítos políticos. George Orwell, que participou da Guerra Civil Espanhola como voluntário, escreveu, em *Lutando na Espanha e recordando a Guerra Civil* (1986):

Para começar, não se podia comparar Franco, a rigor, com Hitler ou Mussolini. Seu levante foi um motim militar apoiado pela aristocracia e pela Igreja, e em sua maior parte, ao menos de início, constitui tentativa não tanto de impor o fascismo quanto de restaurar o feudalismo. Isso queria dizer que Franco tinha contra si não só a classe trabalhadora, mas também diversas partes da burguesia liberal – aqueles mesmos que formam os sustentáculos do fascismo quando este surge em forma mais moderna. Mais importante do que isso era o fato de que a classe trabalhadora espanhola não resistiu a Franco (...) (ORWELL, 1986, p.54).

A população espanhola, que se envolveu lapidarmente na luta, estava dividida entre os *vermelhos* – socialistas, comunistas, anarquistas e republicanos, e os *negros* – monarquistas, católicos radicais e simpatizantes do nazifascismo.

Conforme Soares D’Azevedo (1946), não apenas homens se envolveram no conflito, mas mulheres e crianças: “Aqui é todo o povo, homens, mulheres e crianças, envolvido na carnificina, uns atacando os outros, defendendo-se” (D’AZEVEDO, 1946, p.143).

Iniciada a Guerra Civil Espanhola, em julho de 1936, Franco deslocou-se para Andaluzia, onde entrou em contato com negociantes de armas e com os embaixadores da Itália e da Alemanha. Segundo Meihy e Filho (1996),

Os representantes dos dois países viram na guerra excelente oportunidade para aumentar a influência na Espanha, com sua posição geográfica estratégica, importante em face dos dois inimigos tradicionais da Alemanha: a França e a Inglaterra. Além disso, desde o início da década de 30 o governo alemão estava se rearmando para a



guerra, e Hitler percebeu que poderia se valer da oportunidade para demonstrar seu poder e ainda utilizar o território espanhol como campo de provas para armamentos e estratégias de combate (MEIHY; FILHO, 1996, p.23).

Adolf Hitler enviou à Espanha aviões de combate, soldados e mecânicos em troca da exploração das minas espanholas. Toda semana dois navios alemães chegavam ao país trazendo armas, munições e alimentos para os soldados nacionalistas. Benito Mussolini também enviou armas, munições, aviões, carros de combate, submarinos e mais de 70 mil soldados do exército italiano.

Por outro lado, a União Soviética auxiliou aos republicanos, com aviões, tanques de guerra, metralhadoras e canhões tecnicamente equiparáveis aos utilizados pelo exército de Francisco Franco em troca de dois terços do ouro da Espanha. Não obstante o lucro recebido com a ajuda, a União Soviética logo cessou a ajuda depois de firmar um pacto de não-agressão com a Alemanha, o que enfraqueceu profundamente o Exército Republicano. Depois de algumas vitórias, como a da cidade de Madri, a batalha de Jarama, em que os esquerdistas mataram mais de mil soldados de Franco, o Exército da direita, com equipamento bélico superior, começou, pouco a pouco, a tomar as cidades da forma mais brutal, como foi o caso da cidade de Guernica, completamente destruída pelo bombardeio executado pelos aviões de Hitler.

Durante grande parte do conflito, as diversas vertentes que compunham a esquerda se mantiveram desunidas, o que dificultava o propósito que todas tinham em comum, a saber, impedir a direita de se restabelecer no poder. José Gay da Cunha, que participou da 143ª Brigada, e registrou suas memórias no livro denominado *Um brasileiro na Guerra Espanhola* (1946), descreve os desacordos entre as frentes:

Cada espanhol tinha no seu íntimo individualista e irredutível um pouquinho de quinta-colunismo. Era necessário esquecer e perdoar os erros do passado, e na Espanha não havia esquecimento nem perdão. Seria necessário pensar somente na destruição do inimigo e na Espanha Republicana, mas cada facção da Frente Popular procurava destruir a outra. Nas frentes de batalha se atenuara muito tudo isso (...). Os anarquistas não poderiam perdoar, jamais, as duas forças da Espanha Republicana: os católicos e os comunistas. Aos católicos não perdoavam porque esses representavam, para eles, a Espanha da Inquisição e, aos comunistas, não poderiam perdoar o que eles consideravam uma infâmia contra a dignidade do indivíduo, que era a organização de um exército e um governo na Espanha da Frente Popular. (CUNHA, 1946, p.112).

Em 1938, Barcelona, reduto anarquista que não tinha força militar organizada, foi drasticamente bombardeada por aviões italianos e ocupada pelas tropas de Franco. A única

cidade que ainda resistia era Madri, mantendo-se com o que restava do exército republicano. O representante era o general Casado, que almejava a rendição às forças de Franco, pois não acreditava nos ideais comunistas, tampouco na vitória dos republicanos. Ele fez um acordo com o líder franquista e, em 28 de março de 1939, as tropas nacionalistas entraram na cidade, finalizando a guerra que matou mais de um milhão de espanhóis.

Segundo o brigadista José Gay da Cunha (1946), a derrota dos republicanos ocorreu, principalmente, devido à política de não intervenção da Liga das Nações. Para ele, os maiores inimigos da República não eram os fascistas italianos ou alemães, mas os governos dos países que se afirmavam democráticos e que não apoiavam a luta da esquerda espanhola.

José Gay da Cunha (1946), descreve os motivos da derrota republicana:

Ao amanhecer prevalecia sempre a guerra, com todos os seus problemas a resolver e mais a circunstância de que estávamos lutando ao lado de um povo esquecido pelo mundo e dum Governo que não contava com os recursos técnicos para prover as necessidades dessa guerra. Um povo que não queria sucumbir e que defendia a sua independência como o tinham feito os seus avós, contra o despotismo de Napoleão. Gente que um dia tinha despertado lutando contra o Exército e a Polícia, porque estes se tinham transformado em agentes violentos e descarados dos assassinos dos negros da Etiópia e dos super-homens germanos. Um governo que enfrentava a mais terrível crise política permanente de manter uma frente popular entre partidos antagônicos e até mesmo inimigos e que no exterior lutava para desmascarar a política de capitulação e de cumplicidade dos Grandes Países que dominavam a Liga das Nações em proveito dos seus apetites comerciais e capitalistas. Para a moral do mundo pouco interessava que a Espanha Republicana tivesse um Governo legalmente constituído, que se defendia dos traidores que tinham esquecido um juramento de defender as instituições constitucionais. Os Governos só mereciam respeito quando eram dóceis instrumentos nas mãos dos agentes diplomáticos e comerciais. Um Governo com características verdadeiramente democráticas e que tinha surgido do povo, representava um perigo porque o povo deve ser vigiado sempre. Espanha é a porta da Europa e a chave dessa porta não podia estar na mão daqueles que mereciam a confiança de seu povo. Era preciso que uma mão forte de militar dominasse um montão de ovelhas. (CUNHA, 1946, p.98).

Governantes de distintos países consideravam profícua a derrota dos republicanos, porque o território de Gibraltar, por exemplo, que os ingleses ocuparam para vigiar sua rota na Índia, não estaria seguro se o povo dominasse o governo na Espanha. Os tradicionalistas da França consideravam uma ameaça ver o povo dominando um país que estava perto cerca de suas propriedades. Essas eram fortes razões que contribuíram para a decadência dos *vermelhos* da Espanha.

Porém, antes do crepúsculo dos ideais esquerdistas, e apesar da política de não-intervenção, muitos soldados e civis de diversos países se solidarizaram com a causa republicana, porque a consideraram uma extensão do que ocorria em seus próprios países.

José Carlos Sebe Bom Meihy e Cláudio Bertolli Filho, em *A Guerra Civil Espanhola* (1996), declaram:

A Guerra Civil Espanhola tem sido considerada a última guerra romântica e a última grande causa da humanidade. E não só pela participação apaixonada do povo espanhol, mas também porque homens de pelo menos 53 nações abandonaram espontaneamente suas casas para lutar ao lado dos republicanos, formando as Brigadas Internacionais (MEIHY; FILHO, 1996, p.27).

Segundo estes historiadores, a solidariedade e o espírito romântico não foram os únicos motivos para que voluntários da América Latina fossem lutar na Espanha. Um dos motivos primordiais fora a semelhança entre agruras da República Espanhola e os problemas latino-americanos, ou seja, o intuito de eliminar o poder do clero na política e, especialmente, a garantia de direitos à população.

No contexto brasileiro, vários acontecimentos históricos fizeram com que uma parcela da população decidisse se alistar para lutar na Guerra Civil Espanhola, porque sentiam que nossos problemas políticos eram análogos aos dos republicanos espanhóis.

No Brasil, em 1922, é fundado, por alguns proletários, o Partido Comunista, a partir da crença de que as contradições do capitalismo só seriam superadas pela revolução operária. Os fundadores do novo partido receberam influência da Revolução Russa de 1917 e da incapacidade da liderança anarco-sindicalista de responder às imposições políticas da luta operária. O escopo do partido era de se contrapor ao domínio da oligarquia, da burguesia e do imperialismo, o que causou, nos detentores do poder, vontade de acabar com as manifestações comunistas.

Entrementes à fundação do Partido Comunista, há o surgimento do Tenentismo, que reflete a crise da República Velha e seus tradicionais métodos de manipulação do poder. Havia, desde o final do século XIX, no interior do exército, a crença de que os militares eram os responsáveis pela instauração da República no país. Eles percebiam a corrupção da república pelos políticos civis que haviam se apropriado do poder. O movimento armado que organizaram, e que não obteve sucesso, foi liderado majoritariamente por tenentes.

Outro acontecimento de extrema importância, que constitui uma das faces do Tenentismo, foi a Coluna Prestes, que ocorreu em 1925. Foi um movimento armado, comandado pelo capitão Luís Carlos Prestes<sup>5</sup>, que visava derrubar as oligarquias que

---

<sup>5</sup> Luis Carlos Prestes nasceu em 3 de janeiro de 1898. Entrou para o Colégio Militar em 1909. Após terminar os estudos neste colégio, foi estudar na Escola Militar, onde saiu aspirante, em 1918. Em 1920 colou grau como bacharel em Ciências Físicas, Matemáticas e Engenharia Militar, sendo promovido a segundo-tenente. Por estar indignado com as ofensas aos militares, Prestes começou a frequentar as reuniões do Clube Militar. Em

dominavam o país e desenvolver um conjunto de reformas institucionais, com o intuito de eliminar os vícios da República Velha. As forças gaúchas se uniram às tropas comunistas que fugiam de São Paulo e iniciaram a longa marcha pelo país. Eles atravessaram o Paraguai e voltaram ao país através de Minas Gerais. A marcha terminou em 1927, quando os revoltosos se exilaram na Bolívia. Prestes retornou clandestinamente ao Brasil em 1935, casado com a comunista judia Olga Benário. Logo após comandar o infecundo golpe conhecido como Intentona Comunista, que tinha como objetivo instalar o governo socialista, foi preso, e sua mulher foi entregue à polícia política nazista e deportada para a Alemanha.

Getúlio Vargas assumira o poder em 1934, eleito de forma indireta pela Assembléia Constituinte. Com a Constituição de 1934, que garantia o direito ao voto às mulheres e assegurava a pluralidade sindical bem como o direito à livre expressão, houve o início do processo de democratização do país.

Ao mesmo tempo, as investidas esquerdistas contra seu governo eram intensas e, dessa forma, o presidente declarou estado de sítio em 1935, seguido pela declaração de estado de guerra no ano seguinte, em que todos os direitos civis foram suspensos e todos os indivíduos considerados uma ameaça ao regime vigente, passaram a ser perseguidos.

A aliança com as oligarquias levou Getúlio Vargas para o êxito no golpe político de 10 de novembro de 1937, inaugurando a Ditadura, com uma nova Constituição, de inspiração fascista, que acabava com todos os direitos políticos, abolindo os partidos e as organizações civis.

Diante dessas tentativas infrutíferas, os esquerdistas e simpatizantes dos ideais dessa vertente se sentiram inertes. Como sabiam que na Espanha os republicanos lutavam por direitos que no Brasil eles não haviam logrado atingir, acreditaram que poderiam conseguir alhures o que lhes fora negado aqui. É o que afirmam Meihy e Filho, em *A Guerra Civil Espanhola* (1996):

Em 1935 ocorreu no Rio de Janeiro e em algumas outras cidades brasileiras uma tentativa de insurreição esquerdista, liderada por Luis Carlos Prestes. O governo sufocou rapidamente o movimento e, a pretexto de combater o “perigo comunista”, acentuou sua política autoritária. Dois anos depois, em novembro de 1937, Vargas fechou o Congresso Nacional e decretou o Estado Novo. A partir de então, a política

---

novembro de 1922, por ser simpatizante do tenentismo, foi transferido para o Rio Grande do Sul para fiscalizar quartéis. Em Santo Ângelo, deu início à Coluna Prestes. Logo, em 1931, aliou-se aos comunistas. Casou-se com a judia comunista Olga Benário. Após o fracasso da insurreição comunista que liderou, foi preso, em 1936, e sua mulher foi entregue ao governo alemão. Retornou às atividades políticas em 1960. Entretanto, o golpe de 1964 levou-o à clandestinidade por 10 anos. Em 1971, radicou-se na União Soviética, permanecendo até 1979. Morreu em 1990. (Fonte: <http://www.culturabrasil.org/prestes.htm>).

externa brasileira mostrou-se simpática aos regimes de direita, inclusive à ditadura de Francisco Franco.

Derrotada a insurreição de 1935 e impossibilitada de participar legalmente da vida política, a esquerda brasileira empenhou suas esperanças no lado republicano da Guerra Espanhola. Aproximadamente 40 brasileiros tomaram parte na luta, em batalhões das Brigadas Internacionais (MEIHY, FILHO, 1996, p.61).

A participação brasileira foi pequena devido à intensa vigilância do governo varguista, que proibiu qualquer manifestação de ajuda aos republicanos espanhóis. Mesmo tendo se declarado neutro, o Estado Novo tomou atitudes que favoreciam Francisco Franco.

Segundo Meihy e Filho (1996), houve uma publicação pela imprensa oficial de Minas Gerais, do folheto *As coisas vão bem*, que apoiava aos franquistas:

Nesse texto, assinado pelo psiquiatra mineiro Lopes Rodrigues, professor da Faculdade de Medicina, Hitler e Franco eram apresentados como salvadores do cristianismo e da cultura ocidental. O autor pedia ainda ao presidente Vargas que imitasse as ações anticomunistas e anti-semitas que se repetiam nos países nazifascistas (MEIHY, FILHO, 1996, p.63).

Além disso, a Igreja Católica também se demonstrava a favor de Francisco Franco através dos sermões. Uma vez que, na Espanha houve vários saques e incêndios nas igrejas bem como o assassinato de padres por parte dos anarquistas, os sacerdotes brasileiros, assustados com essas notícias, enfatizavam a propaganda franquista, declarando que todos os da Esquerda eram uma ameaça. Essas atitudes do governo e da Igreja conseguiram convencer muitos brasileiros. Um exemplo é o discurso de um católico brasileiro, descrito por Soares d’Azevedo, em *Espanha em sangue* (1936):

Do lado do governo estão os partidos políticos, os funcionários públicos das últimas categorias, os mineiros das Astúrias, os comunistas, os socialistas, a gentinha da rua, os desempregados (...). Contra a Falange Espanhola move-se a trindade maldita: maçonaria, judaísmo, bolchevismo, farinha da mesma cuia, três desgraças distintas e uma só miséria verdadeira. Mas o Tercio Africano, comandado pelo general Franco, ainda é a esperança eterna e invencível (D’AZEVEDO, 1936, p.35).

As dificuldades que os simpatizantes das causas republicanas enfrentavam no Brasil eram de conhecimento dos espanhóis, especialmente os acontecimentos relativos ao fracasso da Intentona Comunista e a prisão de Prestes:

É absolutamente impressionante o número de manifestações recolhidas pela embaixada brasileira em Madri e pelos diversos consulados, que recebiam toda sorte de pedidos para a libertação do “mártir Prestes”. Intelectuais de esquerda, na Espanha,

assumiram a responsabilidade de liberar a campanha e isso, no caso de Federico Garcia Lorca, teve custos definitivos, pois logo depois de sua adesão à campanha ficou claro o ângulo político que o levou a ser assassinado passado pouco tempo. Prestes e Lorca, então funcionavam como faces de uma mesma moeda que negociava causas afinadas com a esquerda. Aqui, os intelectuais choravam em prosa e verso a morte de Lorca, assassinado em Granada na abertura da guerra; lá, os alardes para a libertação de Prestes entoavam “de norte a sul, de leste a oeste, liberdade de Prestes” (MEIHY, 2009, p.15).

Soares D’Azevedo<sup>6</sup>, em *Espanha em sangue* (1946), também descreve os apelos dos republicanos espanhóis para a libertação de Prestes:

De onde a onde pelos povoados, grupos de mulheres em desalinho erguem os punhos fechados e gritam:  
De norte a sul,  
De leste a oeste,  
Libertad de Prestes!  
- Estranho! - pergunto ao civil armado, que nos pede a documentação – Que significa isso?  
- Não sabe? Prestes, a maior vítima dos vaticanistas brasileiros. Mas também chegará a vez do Brasil. Toda a Espanha tem vivido meses de revolta com o atentado brasileiro aos operários, camponeses e soldados, que o bravo Prestes tão bem encarnava. Ouvirá o senhor essa canção em todas as províncias, em todos os “pueblos”. Malditos vaticanistas – fascistas! (D’AZEVEDO, 1946, p.17).

Apesar da proibição, aproximadamente 40 brasileiros se destinaram, clandestinamente, à Espanha. Conforme José Carlos Sebe Bom Meihy (2009), são os seguintes voluntários que fizeram parte das Brigadas Internacionais:

Nomes	Idades	Unidades
Carlos Costa Leite	43	Artilharia, 12º Copo
Nemo Canabarro Lucas	31	Tenente, 218ª Brigada
David Capistrano	25	12ª Brigada
Manuel Coelho de Souza	38	Artilharia
José Homem Correa	26	12ª Brigada
Hermenegildo de Assis	29	62ª Brigada
André Fernandez Haro	40	Fortificações

<sup>6</sup> Jornalista e escritor, foi escolhido pelo Cardeal Leme e por Tristão de Athayde para representar o jornalismo católico do Brasil na Exposição Mundial de Imprensa Católica em Roma. Depois de cumprir sua missão no Vaticano, seguiu para Paris e Madrid a serviço da imprensa e literatura católica brasileira. Na capital espanhola, se embrenhou na Guerra Civil Espanhola (D’Azevedo, 1946, 7).

Manuel Fernandez	23	149ª Brigada
José Gay da Cunha	28	143ª Brigada
Igual Garcia	20	
Homero Jobim	26	12ª Brigada
Gabriel Alameda Liebanas	26	142ª Brigada
Francisco Martinez	30	145ª Brigada
Ramon Marin Medina	19	46ª Brigada
Luiz Oms	21	Corpo de Engenheiros
Delcy Silveira	23	12ª Brigada
Nelson Alves de Souza	26	12ª Brigada
José Luiz Alonzo	26	3º Batalhão de Trens Blindados
Manuel Alvarez Lopez	30	225ª Brigada
João Bernabe Bernabe	26	76ª Brigada
Agostinho Campos Velasco	27	37ª Brigada Sanitária
Apolônio de Carvalho	27	Artilharia
Mathias Garcia	29	
Jorge Goetl	25	
Ernesto Joske	41	
Manuel Sanchez Lorenzo	28	119ª Brigada
Ramon Luiz Martin	20	180ª Brigada
Ramon Miguel Guines	20	87ª Brigada
Vicente Molla Montesino	32	197ª Brigada
Albino Monteiro Carrasco	25	
Jaime Olive Ballester	20	
Antonio Raez Lopez	25	39ª Brigada
José Sanches Rodrigues	22	39ª Brigada
José Sanches Sanches	22	44ª Brigada
João J. Silveira dos Santos	24	47ª Brigada
Nicolag Smaritochewsky	38	
José Lopedra Garcia	20	
João Arthur Urquija	40	
José Valera Blanes	22	

José Carlos Sebe Bom Meihy (2009) entrevistou cinco dos ex-brigadistas brasileiros, a saber, José Correia de Sá, Apolônio de Carvalho, Delcy Silveira, Nelson de Souza Alves e Homero de Castro Jobim. Este último soldado foi o que forneceu seu diário em que descreveu suas lembranças do conflito espanhol para que Erico Verissimo o usasse para elaborar um romance. O escritor declarou, no prefácio de *Saga*: “Por aquela época um brasileiro, ex-combatente da Brigada Internacional antifranquista, me havia oferecido seu diário de guerra, sugerindo-me que eu o aproveitasse num romance da maneira que achasse mais convincente” (VERISSIMO, 1987, p.11). O republicano oriundo de Porto Alegre declara em entrevista a Meihy (2009): “Resolvi lutar na Espanha porque achava que lá a gente decidiria, sem maiores dúvidas, o destino da democracia, da liberdade” (MEIHY, 2009, p.179).

O autor de *A revolução possível* atenta para o fato de que seis dos quarenta voluntários brasileiros eram gaúchos. Os motivos prováveis para o envolvimento dos sul-rio-grandenses são os fatos de que as atividades da Coluna Prestes haviam iniciado em Santo Ângelo e de que Getúlio Vargas também era gaúcho: “Todos estes fatores implicaram um paradoxal sentimento gaúcho de responsabilidade antigetulista” (MEIHY, 2009, p.43).

Erico Verissimo vivia neste meio antifascista e, ademais, como ressalta no prefácio de *Saga*, o romance sobre a Guerra Civil Espanhola foi escrito em 1940, quando Alemanha invadira Paris, e os russos haviam firmado o pacto com Hitler de não agressão. Os intelectuais liberais mostravam-se contrários a esses acontecimentos bem como temiam por seus futuros em um país onde o governo apoiava o fascismo. Erico explica sua decepção perante os acontecimentos:

Embora nós, os socialistas democratas, tivéssemos sido sempre antitotalitários, nunca deixáramos – naqueles anos anteriores a 1939 – de considerar a União Soviética a esperança do socialismo. Fossem quais fossem os erros, deformações e violências do stalinismo, uma coisa era certa: nesse tremendo laboratório que é a URSS estava-se a fazer uma experiência social e econômica muito séria, capaz de influir decisivamente sobre o curso da história. Agora o pacto nos apanhava de surpresa, deixando-nos tontos e desarvorados. Explicavam os comunistas que o desconcertante tratado não passava dum magistral golpe de Stálin com a finalidade de ganhar tempo, certo como estava que o senhor do Kremlin de que mais cedo ou mais tarde Hitler se voltaria contra a Rússia, o mais temível adversário da Alemanha na Europa. Por outro lado o pacto permitiria aos nazistas levar ao Ocidente uma guerra que haveria de desgastar fatal e formidavelmente tanto a Wehrmacht como seus inimigos (VERISSIMO, 1987, p.10).

A partir do sentimento de indignação que o pacto germano-soviético causou por anular as esperanças do socialismo, e munido das memórias do ex-soldado voluntário, Homero de



Castro Jobim<sup>7</sup>, Erico Verissimo escreve *Saga*, romance no qual a personagem Vasco narra, em primeira pessoa, suas aventuras em solo espanhol.

A escolha da personagem Vasco Bruno não foi, indubitavelmente, fortuita, na medida em que, em romances anteriores como *Música ao longo* e *Um lugar ao Sol* ela se demonstrava, de forma incipiente, idealista e simpatizante de ideais revolucionários socialistas.

Em *Música ao longe*, romance de 1936, Vasco está com 21 anos e é a única personagem que se destaca no meio dos conformistas. Embora o romance seja narrado em terceira pessoa, Vasco é descrito através das observações de Clarissa, sua prima de 16 anos. No início da trama, ela o descreve unicamente de forma negativa: “Vasco era o coisa ruim do grupo. Nunca tratava a gente assim de igual para igual. Nunca falava comigo e, quando dizia alguma coisa, era com ar de patrão” (VERISSIMO, 2005, p.29).

Vasco é ousado e petulante, pois na situação decadente da família Albuquerque, que outrora usufruira da riqueza que suas propriedades rurais oportunizavam, ele tem a audácia de redarguir ao chefe da família, João de Deus, quando é chamado de desocupado: “Trabalhar? Mas eu não faço mais que imitar vocês! Não vejo ninguém trabalhar aqui, Toda a turma é francamente de folga” (VERISSIMO, 2005, p.30). Essa atitude demonstra que Vasco era uma personagem que pensava de forma análoga a alguns comunistas brasileiros quanto ao fato da anulação do poder dos grandes proprietários de terras. Ideal semelhante seria defendido, posteriormente, pela grande maioria dos esquerdistas que participaram da Guerra Civil Espanhola.

O que faz Clarissa sentir-se fascinada por Vasco é o fato de ele ser incompreensível “(..) dono duma cara estranha, diferente das outras, duns modos que não são iguais aos de ninguém –feios, sim senhor, agressivos, mal-criados, mas dele, só dele, de ninguém mais” (VERISSIMO, 1987, p.44). Vasco também demonstra ser um observador agudo dos tipos

---

<sup>7</sup> Homero de Castro Jobim nasceu em Porto Alegre, em dois de fevereiro de 1915. Estudou no Colégio Militar. Participou, de forma sutil, do Movimento de 35, pois esteve presente em algumas reuniões do partido de esquerda. E, por ser um simpatizante, foi preso e, em consequência, excluído da Escola Militar: “Embora tenha sofrido as sanções impostas pelos contrários à causa, eu não participei do programa de esquerdização do sistema pela atuação do Exército: não peguei em armas, não lutei” (MEIHY, 2009, p.177). Depois de solto, foi trabalhar como tipógrafo. Em 1937, quando houve a intervenção federal no Rio Grande do Sul, os esquerdistas saíram do país. Ele foi para Buenos Aires, depois para Montevidéu e, logo, para Paris. Uma vez na França, decide lutar na Espanha: “Minha passagem da França para a Espanha foi clandestina, porque quando cheguei em Paris deram-me passaportes falsos” (MEIHY, 2009, p.179). Esteve, no início, na 12ª Brigada, a Garibaldi e, depois, foi para a 15ª, a Brigada Lincoln. Saiu com as últimas tropas, no dia oito de fevereiro de 1939, pela fronteira da França, por Port Bou. Depois, foi para o campo de concentração Angelès-Sur-Mer. Sobre essa experiência, o militar anistiado declara: “A Guerra Civil Espanhola representou para alguns brasileiros uma alternativa de luta. Especificamente para o grupo de ex-militares que se dirigiram para lá, foi a conclusão de um projeto libertário que se inviabilizava entre nós, mas que se abria em outro espaço (MEIHY, 2009, p.182).

humanos e, logo, dos acontecimentos históricos. Ele faz, em *Música ao longe*, uma análise de todos os que vivem no casarão dos Albuquerque, atribuindo-lhes características animais, tais como as da foca, do canguru, do leão e da toupeira.

Para os que com Vasco convivem, ele é visto como um marginal, carregando a culpa do seu pai, responsável pela morte de sua mãe, Zulmira, que se suicidou quando abandonada pelo marido. Todos esperam que ele fuja como o pai, ou que, como aquele, se torne um bêbado desocupado. Além disso, Clarissa o vê como um ser contraditório:

Clarissa o contempla com interesse. Outro mistério, Como é que se vai compreender uma criatura assim? Antes parecia um diabo despreocupado, indiferente, prosaico, ríspido, mau mesmo. Agora é um homem que sonha, um homem que tem um desejo escondido (VERISSIMO, 1987, p.142).

Quando Clarissa vai até o quarto de seu primo e descobre suas pinturas, fica nítida a semelhança dos pensamentos de Vasco com os dos comunistas, porque ele retrata em uma de suas telas dois homens abraçados com a seguinte legenda “Todos os homens são irmãos”. Além disso, os livros que a filha de João de Deus vê na biblioteca de Vasco são sobre o Fascismo, o Comunismo e o Socialismo.

Erico Verissimo parece plantar em Vasco as sementes do inconformismo, da aversão ao tradicionalismo e do sentimento de solidariedade perante os sofrimentos alheios, sentimentos estes que eclodirão em *Saga*. A jovem personagem, em uma palestra com Clarissa, reflete:

- Temos a obrigação de fazer alguma coisa – prossegue Vasco. – Essa história de viver seateando e sonhando com as glórias do passado não pega mais. É preciso trabalhar. Teu pai, por exemplo, não compreende a vida a não ser dentro duma estância grande, muito campo, com capões, pasto, lagoas, numa estância grande onde ele possa galopar à vontade...(VERISSIMO, 1987, p.164).

Quando Clarissa narra a Vasco as lições de patriotismo que dá aos seus alunos por causa da Comemoração Farrroupilha, ele diz não concordar com a visão de nação ensinada nas escolas, porque acredita que todos devem ser solidários: “todos os homens são irmãos, são iguais e que, por falarem línguas diferentes, terem olhos e cabelos de cor diversa, não quer dizer que devam andar se estripando em guerras” (VERISSIMO, 1987, p.184).

Vasco parece sofrer da culpa metafísica, aquela em que o sujeito faz parte de uma tradição do mal e se sente responsável por isso, pois ele declara: “Acho que a vida está torta e sofro porque não posso endireitar ela” (VERISSIMO, 1987, p.184). Por isso quer fugir, a

pequena cidade interiorana de Jacareacanga, onde ele reside, não é capaz de oferecer oportunidades para que o sobrinho do antigo estancieiro coloque em prática seus ideais.

O narrador onisciente, através dos pensamentos de Clarissa, finaliza o enredo, deixando um mistério sobre o destino de Vasco. A personagem afirma: “só há uma coisa que pode mudar o rumo de minha vida” (VERISSIMO, 1987, p.211). E Clarissa permanece, no excerto derradeiro da narrativa, em uma encruzilhada de possibilidades, na medida em que Vasco não menciona o que pode cambiar sua trajetória.

No romance *Um lugar ao Sol*, também publicado em 1936, a decadência do patriarcado rural é acentuada pela morte do tio de Vasco, João de Deus Albuquerque. Apesar de o romance ser narrado em terceira pessoa, a grande maioria das descrições do narrador onisciente são reservadas às inquietações da personagem Vasco Bruno.

Os sonhos e ideais socialistas do primo de Clarissa são deixados momentaneamente de lado pelos acontecimentos horrendos, a saber, a morte do chefe da família e, com ela, a transferência de toda a responsabilidade familiar para Vasco. Entretanto, ele continua desejando a fuga: “E agora, se fugisse, se livraria para sempre do morto, da tristeza dos dias de luto, da lama da cidade, dum passado escuro. Se ele pudesse” (VERISSIMO, 2000, p.11).

O casarão dos Albuquerque, já hipotecado há anos, é entregue, e Vasco decide levar Clarissa e sua mãe para Porto Alegre. Uma vez na capital gaúcha, ele sente-se, por instantes, livre do fardo do passado, livre das lembranças dos mortos e das culpas que sente.

Logo, o pai de Vasco, que o havia abandonado quando pequeno, retorna para fazer reviver a vontade de fugir e lutar por ideais em terras estrangeiras, pois Álvaro relata suas aventuras juvenis: “Fu no tempo da guerra. Os voluntário italiano que moravano no Brasil ia pra Europa. Depois duma noite sem dormireo me apresente ao consule come voluntário” (VERISSIMO, 2000, p.376).

E Álvaro descreve uma anedota que será crucial para a decisão de Vasco de ir lutar no conflito espanhol:

- Filho. Sabe da história do piru? La gente risca com giz um círculo in torno do piru. E o cretino do piru crede que está preso. Fez uma pausa. Depois: - Guarda, Vasco, la vita é bela, il mondo te chiama. Salta o risco de giz, no seja come o piru, Cristo! Tu tem vinte e poucos anos! (VERISSIMO, 2000, p.378).

Não obstante sentir uma incomensurável vontade de viajar, de se aventurar pelo mundo, Vasco sente a culpa lhe assolar o inconsciente, pois as vozes dos fantasmas que

sempre o atormentaram, fazem com que ele pense em Clarissa, com a qual quer se casar. O enredo termina, assim como o anterior, de maneira paradoxal:

Mas João de Deus falou na voz do vento: Ruim como o pai. Casa, mas amanhã abandona a mulher, vai-se embora. É o sangue, o maldito sangue do Álvaro.  
Vasco enfiou as mãos nos bolsos e começou a assobiar.  
Salta o risco de giz, filho mio, non seja come o piru! Álvaro convida-o para a fuga, para a viagem. Mas Clarissa aparecia silenciosa contra o fundo da noite, toda debruada de luar (VERISSIMO, 2000, p.411).

Em *Saga*, romance de 1940, fica evidente que Vasco seguiu os conselhos de seu pai. No primeiro capítulo do romance, adrede denominado de *O círculo de giz*, é descrita sua viagem à Espanha, país em que lutará como voluntário na Brigada Internacional.

Se nos romances anteriores a narrativa ocorre em terceira pessoa, na medida em que Vasco era apenas uma promessa de ação, em *Saga* é ele quem conta seus anseios e aventuras. Ele é um intelectual militante, uma testemunha da História.

Antonio Candido, ao analisar a produção literária de Erico Verissimo dos anos trinta à década de setenta, declara que o tema primordial da sua obra é “uma espécie de celebração horrorizada da brutalidade” (CANDIDO, 2005, p.74). E adiciona que essa revolta é destinada majoritariamente às desigualdades sociais:

Nos primeiros livros, ela aparece menos, e talvez esteja latente por contraste na preocupação com o homem inerte, posto à margem pela aspereza da vida, como os da galeria de *Caminhos Cruzados*, desde o esmagado Maximiliano até os sonhadores, pobres como João Benévolo, ou ricos como Noel. E é curioso que o personagem masculino tratado com maior carinho pelo escritor na primeira fase da sua obra, Vasco, seja um violento que rejeita a violência e que prefere escapar pela arte, até o dia em que se alista como soldado, na Guerra da Espanha, para usar a violência contra as suas formas piores (CANDIDO, 2005, p.74).

Vasco é um idealista que não permanece apenas nas leituras e sonhos. Ele é distinto do revolucionário onírico da penúltima estrofe do poema de Carlos Drummond de Andrade, *Notícias de Espanha* (1979):

Ah, se eu tivesse navio!  
Ah, se eu soubesse voar!  
Mas tenho apenas meu canto,  
e que vale um canto? O poeta,  
imóvel dentro do verso,

Vasco executava o ideal da estrofe derradeira do poema:

cansado de vã pergunta,  
farto de contemplação,  
quisera fazer do poema  
não uma flor: uma bomba  
e com essa bomba romper o muro que envolve Espanha (DRUMMOND, 1979, p.252-253).

A personagem salta o círculo de giz e as barreiras. Essa guinada na sua vida, a saber, de um rapaz sonhador e introspectivo para um homem revolucionário, segue a concepção de arte proposta por Erico Verissimo, em *Solo de Clarineta*:

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado a idéia de que o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades como e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ela caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto (VERISSIMO, 1974, p.45).

Erico usou seu *canto*, e Vasco foi a personificação da *bomba* usada para iluminar os acontecimentos históricos acerca da Guerra Civil Espanhola.

A viagem foi a oportunidade de colocar em prática seus sonhos de lutar contra o tradicionalismo, as desigualdades sociais e o avanço do fascismo, problemas que o atormentavam no Brasil e que são análogos aos que os republicanos espanhóis enfrentam. Sobre as suas expectativas, a personagem principal de *Saga*, relata:

A vida é um grande jogo e o destino, um parceiro temível que só aceita grandes paradas. Está bem. Ponho na mesa todos os meus sonhos. Não basta? Jogo então a vida. Do outro lado daquelas montanhas ficam a Espanha e a Guerra. Caminho ao encontro de novas sensações. O da morte? Que importa? A morte também é uma aventura, a definitiva, a irremediável. Mas o essencial é que aconteça alguma coisa (VERISSIMO, 1987, p.29).

Vasco viaja com cerca de vinte homens de distintas nacionalidades, todos destinados às Brigadas Internacionais. Quando está na estação de Cèrbere, o protagonista de *Saga* reflete sobre a mudança de perspectiva que sofreu devido às condições históricas:

Lembro-me dos meus velhos sonhos pacifistas e há um confuso momento em que me é custoso convencer de que estou prestes a pegar em armas para matar. E matar quem? Homens que nem sequer conheço. Por que motivo? Por uma nevoenta razão que nem a mim mesmo agora consigo explicar. Já disse que tenho de esquecer tudo quanto deixei para trás: confortos familiares, amigos e ilusões. Repito interiormente: vou lutar ao lado de um povo barbaramente agredido. Eis a fórmula que eu procurava. Sou um idealista.

Estranha palavra esta ... branca e remota como a neve que coroa aqueles cimos (VERISSIMO, 1987, p.32).

Ao longo da narrativa, ele nos fornece informações históricas sobre o conflito espanhol, como a de que a cidade de Port Bou, pela qual passou, foi totalmente destruída pelos aviões fascistas provenientes da base aérea de Maiorca. Ele compara as casas desta cidade às criaturas humanas mutiladas, as quais têm suas entranhas à mostra. Além disso, descreve casos de prostituição, ocasionados pela miséria. Discorre, também, sobre o fato de que o ambiente hostil da guerra deixa a todos em estado de culpa e com vontade de esquecer os traumas. E em Catalunha, Vasco descreve a miscigenação dos batalhões:

Há neste batalhão gente de todas as espécies e procedências. São em sua grande maioria homens decididos e fortes, tipos másculos curtidos pelo sol e por todos os ventos da vida. Têm uma consciência partidária e sabem o que querem. Fugitivos de países onde o Fascismo impera, vieram para derrubar um regime capitalista (...). Não temem a morte e a sua única lei é a lei da Brigada Internacional. Parecem achar como Lenine que esta não é a hora de afagar cabeças mas sim de rachar crânios. Não creio que sejam homens visceralmente cruéis, mas estou certo de que são capazes de crueldade, pois sabem que à violência só se pode opor uma violência maior. Seu ódio, pois, se alimenta do ódio dos inimigos (VERISSIMO, 1987, p.68).

Vasco elenca os diversos motivos que os voluntários têm para estar na guerra: a volúpia de sofrer perigo, o gosto pela violência, o desapego à vida e, especialmente, os ideais de oposição:

São em geral moços que desejam morrer por alguma coisa. Têm um corpo vibrante, uma alma pronta a se deixar embalar à música das utopias: querem desesperadamente oferecer a vida em sacrifício de qualquer ideia. Uns falam em Comunismo, outros em democracia e a palavra humanidade anda em muitas bocas (VERISSIMO, 1987, p.73).

A iniquidade das trincheiras é sobrepujada pelos dias em que passa no campo de concentração de Angelès-sur-Mer: “Somos cerca de oitenta homens encurralados como animais entre o mar e uma cerca de arames farpados guardada por tropas senegalesas” (VERISSIMO, 1987, p.197).

Quando é ferido e necessita ficar dois meses no hospital, Vasco revela ao leitor que este faz parte do jogo da escritura de seu romance, pois *Saga* é o registro das memórias desta testemunha histórica, desde que decidiu ir à Espanha até o retorno ao Brasil. Como exímio historiador, o primo de Clarissa se preocupa com a forma de administrar o registro de suas

rememorações, sempre tendo como propósito denunciar os horrores da guerra, a culpa que todos sentem e os traumas ocasionados por este iníquo acontecimento:

Nestas longas horas de hospital tomo e retomo as minhas lembranças e bem como um menino que brinca com esses cubos de madeira em cujas faces estão colados fragmentos simétricos dum quadro, procuro formar com minhas experiências um painel que tenha sentido revelador. Viro e reviro os blocos coloridos, tento as mais diversas combinações, fico alvoroçado, pensando que cheguei a algum resultado claro, para no fim verificar que tudo não passa duma caleidoscópica confusão sem pé nem cabeça. Desisto do jogo. Mas fico com a secreta esperança de que com os elementos de que disponho um dia ainda hei de resolver o problema (VERISSIMO, 1987, p.152).

Ele conclui que saltou do círculo de giz no qual se considerava preso, para se enredar num composto de lembranças dolorosas, culpas e traumas, os quais tentará curar quando retornam ao Brasil, ou, ao menos, encontrar justificativas para sua ida à guerra e para a morte de milhões de homens.

Quando retorna ao Brasil, e depois de muito buscar a catarse de seus traumas, Vasco decide se exilar no campo. Porém, desta vez sua fuga não é voluntária como a sua viagem à Espanha porque os intelectuais liberais como ele não tinham muitas opções. A solução era usar, assim como o eu-lírico do poema de Drummond, apenas o *canto* para denunciar as atrocidades que estavam ocorrendo.

Porém, antes de se exilar com a certeza de que as atrocidades que vivenciara não podiam ser esquecidas, Vasco elaborou uma letotécnica, a saber, elencou maneiras de esquecer as lembranças e os traumas.

O termo letotécnica, de acordo com Weinrich (2001), tem sua origem no mito grego sobre o general Temístocles. Este ser lendário foi um grande político e general, o qual transformou Atenas em uma enorme potência, não obstante ser banido da cidade. Por isso, e por ser dono de uma memória formidável, pediu auxílio ao poeta Simônides para ajudá-lo a esquecer. Desde então, diversos romancistas, historiadores e filósofos escrevem sobre o esquecimento. As obras de alguns destes escritores são analisadas por Harald Weinrich (2001), em *Lete: Arte e crítica do esquecimento*.

Além da história de Temístocles, o Lete, rio do submundo, serviu de premissa para a criação do termo Letotécnica. Essa torrente mítico-poética faz parte da topologia dos infernos. As suas águas têm a capacidade de retirar dos mortos a lembrança da vida terrena. Isso pode acontecer de distintas maneiras. Uma das versões afirma que os mortos são respingados ou mergulhados nas águas do Lete. Outra diz que os mortos bebem as águas do rio do esquecimento. E há a que diz que ocorrem as duas ações.

Weinrich (2001) descreve o episódio da *Odisseia* em que Ulisses fala do esquecimento. Ele relata aos féaces as tentações de esquecimento que sofreu durante sua viagem. Em uma de suas aventuras, ancorou junto de uma costa desconhecida, na ilha de Meninx, e enviou alguns de seus homens para investigar o lugar. Quando chegaram à ilha, foram recebidos cordialmente, e os habitantes lhes ofereceram uma bebida chamada lótus, o que deu origem ao nome lotófagos, para os que lá residem. A bebida, além de ter um sabor muito agradável, conferiu esquecimento aos que a beberam. Por isso, logo após bebê-la, esqueceram o propósito da viagem e a missão de investigar a ilha.

Ulisses, percebendo a demora de seus tripulantes, vai ao encontro deles e os encontra “na feliz embriaguez do esquecimento” (WEINRICH, 2001, p.37). Eles não querem retornar, e, dessa forma, Ulisses os traz à força e os amarra em seu navio, proibindo-os de beberem a droga.

Outro episódio da *Odisseia* em que o esquecimento é ressaltado trata da deusa Circe. Quando chegou a uma costa desconhecida, Ulisses manda seus emissários para verificarem o local. Chegam ao palácio de Circe e são transformados em porcos e aprisionados em um chiqueiro. Ela os faz beber uma droga que apaga as lembranças de suas pátrias.

Ulisses, auxiliado pelo antídoto do deus Hermes, que lhe aumentou a força, persuade Circe a libertar seus emissários e os transformar em homens. Entretanto, Ulisses se deixa enfeitiçar por Circe e permanece com ela um ano inteiro, pois esqueceu que devia retornar para Ítaca. Seus companheiros o convencem a prosseguir viagem.

O terceiro episódio da *Odisseia* sobre o esquecimento diz respeito a Calipso. Neste caso, o amor é a droga do esquecimento, a qual atua por sete anos. Quando Ulisses se sente fatigado, Calipso faz uma proposta, a saber, se ele o amar, será imortal e esquecerá toda sua vida terrena. No entanto, Zeus deseja algo distinto e manda dizer a Calipso, através de Hermes, que deixe Ulisses prosseguir sua jornada.

A obra *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, é uma espécie de luta da memória dos mortos contra o ameaçador esquecimento. O poema épico descreve a trajetória do poeta pelos três reinos do Além, a saber, o Inferno, o Purgatório e o Paraíso, nos quais visita os mortos. O personagem principal é o único que carrega o fardo das lembranças e as transmite aos vivos: “Dessa maneira a memória é onipresente na *Divina Comédia*. Mas isso é muito espantoso, se pensarmos ao mesmo tempo que através dessa memória do Além corre também o Lete, o rio do esquecimento” (WEINRICH, 2001, p.52).

Em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, Sancho Pança, que armazenou em sua memória inúmeros provérbios da cultura espanhola, é o arquétipo da memória, enquanto que



Dom Quixote é o do esquecimento. Esquecer o mundo real é condição *sine qua non* para seu aspecto de cavaleiro louco, pois o enredo, assim como a personagem, perdem seus encantos quando ele se recorda de sua vida.

Frederico II da Prússia escreveu, em 1737, *Ode ao esquecimento*, em que relata a necessidade de esquecer um incidente trágico de sua juventude. Seu pai era um déspota e o tratava com severidade. Por considerar o treinamento militar exaustivo, Frederico decide fugir para a Inglaterra junto com um amigo, o tenente da guarda Hans Hermann von Katte. O rei descobre e, como punição, seu amigo é decapitado. Esse processo foi vivenciado pelos participantes como drama de lembrar e esquecer, na medida em que Frederico II desejava olvidá-lo, mas isso foi praticado para que ele sempre lembrasse de seu ato errôneo.

Um filósofo abordado em *Lete: arte e crítica do esquecimento* (2001), é Friedrich Nietzsche, com seu texto “Das vantagens e desvantagens da História para a vida”, de 1873. Nesta obra, ele enfatiza que quer esquecer a história, porque o ser humano, com toda a carga de memória herdada, perde a capacidade de agir. O objetivo da arte do esquecer de Nietzsche “(...) se baseia em retirar dos conteúdos da memória até aqui fielmente preservados, os da formação histórica, a base de motivação e construir com o agir, com a vida e com o futuro uma motivação nova e concorrente, a partir da qual se deve reorganizar a memória” (WEINRICH, 2001, p. 183).

Mais tarde Nietzsche desprezaria essa teoria e afirmaria que precisamos da memória do passado, apesar de que é necessário colocá-la diariamente em questionamento.

A obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, aborda a questão da memória involuntária. Segundo Weinrich (2001), ela é uma memória a longo prazo, que abrange toda a vida de uma pessoa e passa por baixo de um esquecimento longo e profundo: “Muito daquilo que afinal é invocado na memória por uma constelação mais ou menos casual de acontecimentos em si desimportantes, antes disso talvez tenha repousado durante metade de uma vida, oculto nas profundezas de um esquecimento insondável (WEINRICH, 2001, p.211).

Dessa forma, a mnemopoética de Proust pode ser chamada de poética do esquecimento ou poética da lembrança, pois os acontecimentos narrados passaram por um esquecimento e ressurgiram transformados.

No capítulo *Auschwitz e o esquecimento impossível*, Weinrich (2001) descreve a obra *Nuit*, de Elie Wiesel, que esteve no campo de concentração e descreveu sua experiência com o intuito de preservar do esquecimento a lembrança das vítimas.

A tentativa de Hitler de assassinar os judeus europeus pode ser considerada um crime contra a memória – memoricídio. Por isso, na obra de Wiesel não há arte do esquecimento, pois as gerações que se seguem devem manter vivas as lembranças do genocídio para impedir que ele se repita.

A teoria de Sigmund Freud sobre o esquecimento também é abordado na obra de Weinrich (2001). Para o psicanalista, o inconsciente é algo ex-sabido que foi esquecido, mas que não desapareceu completamente. Por isso, forma uma camada latente na alma. Essa tese tornou-se um marco na História do esquecimento, porque, a partir dela, todo o esquecimento é passível de questionamento e necessita ser justificado.

Freud, em *Além do princípio do prazer* (1996), declara que todos os eventos mentais são tomados com o objetivo de obter prazer. O aparelho mental tende a manter a quantidade de excitação constante. Dessa forma, se uma lembrança é indesejada, ou provoca qualquer sentimento negativo, ela é automaticamente evitada.

A neurose traumática ocorre quando se sofre de reminiscências, ou seja, quando algo que fora momentaneamente olvidado retorna e assombra o inconsciente. Entrementes à tentativa de curar o trauma, está o inconsciente com seu princípio de prazer, que evita o desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido.

São considerados traumas todas as excitações suficientes para atravessar o escudo protetor da produção de prazer:

Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de ação. Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos, em vez disso, outro problema surge, o problema de dominar as quantidades de estímulos que irromperam, e de vinculá-las no sentido psíquico, a fim de que delas se possa então desvencilhar (FREUD, 1996, p.19).

No primeiro capítulo do romance *Saga*, a personagem almeja o apagamento da memória dos momentos de outrora, em que estivera no Brasil: “Preciso apagar as doces lembranças e amolentadoras visões da saudade, espantar os fantasmas familiares, esquecer os mornos hábitos de conforto, tudo quanto ficou para trás. Estou tentando passar na memória uma esponja embebida em vinagre” (VERISSIMO, 1987, p.29).

De imediato, o sentimento que o leva ao intuito do olvido é vontade de enfrentar e se concentrar na guerra. No entanto, logo que se depara com a hostilidade do ambiente espanhol, é a culpa que assola seu inconsciente, constituindo-se, doravante, o principal motivo para a elaboração da letotécnica:

Lembro-me dos meus velhos sonhos pacifistas e há um confuso momento em que me é custoso convencer de que estou prestes a pegar em armas para matar. E matar quem? Homens que nem sequer conheço. Por que motivo? Por uma nevoenta razão que nem a mim mesmo agora consigo explicar. Já disse que tenho de esquecer tudo quanto deixei para trás: confortos familiares, amigos e ilusões (VERISSIMO, 1987, p.33).

Tomando como pressuposto a idéia de Henri Bergson (2006), filósofo francês, de que lembrança alguma é subtraída, apenas há nuances e pequenas rupturas do equilíbrio do avançar do passado, entende-se o motivo de uma lembrança aparentemente incongruente com o momento e a qual Vasco acreditava estar encerrada no esquecimento, insistir em reviver: “Um doce fantasma me vem agora assombrar a memória. Clarissa... Tento tibiamente afugentá-lo. Inútil” (VERISSIMO, 1987, p.35).

Vasco havia decidido que encerraria as boas lembranças no esquecimento. No entanto, o momento presente as traz à tona, afastando-o do objetivo letoteico. Por isso, a personagem principal de *Saga* tenta intensificar o propósito do olvido:

Sinto-me deprimido. O vinho nada consegue contra o meu estado de espírito. As recordações batem à porta do café. Não devo deixá-las entrar. Que fiquem lá fora. As bombas aéreas não lhes podem fazer mal, ao passo que aqui, neste ar viciado, elas correm o perigo de se contaminar (VERISSIMO, 1987, p.42).

Será possível manter as lembranças intactas como Vasco almeja? Henri Bergson, em seu estudo da relação entre a matéria (corpo) e o espírito a partir da memória, fornece indícios para a resposta.

A matéria é um conjunto de imagens, sendo memória o ponto de conexão entre o espírito e o corpo. Todas as percepções, dessa forma, estão impregnadas de lembranças:

Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazerem à memória antigas imagens (BERGSON, 2006, p.30).

As imagens passadas misturam-se constantemente com as percepções atuais e podem, além disso, substituí-las, e pode ocorrer que não consigamos distinguir o que são lembranças e o que são instantes de reconhecimento atuais: “Portanto é em vão que se tratam imagens-lembranças e idéias como coisas acabadas” (BERGSON, 2006, p.145).

Ao longo do desenvolvimento da letotécnica, Vasco, não raras vezes, descreve outras pessoas que, como ele, carregam a culpa e, por isso, desejam o apagamento de lembranças:

Olho para García e num relance julgo descobrir-lhe o segredo. Ele não passa dum homem que está procurando esquecer alguma coisa. Essa sua atitude desligada, os desabafos pornográficos, a pretensa falta de sensibilidade nada mais são que um escudo. Neste momento vejo-lhe no rosto a sombra de um pensamento triste (VERISSIMO, 1987, p.43)

O amigo de Vasco, García, também pretende deixar sepultadas suas memorações com vistas ao presente horrendo em que se encontra e para suportar o futuro de culpa e traumas, pois, como afirma Henri Bergson:

Poderíamos dizer que não temos poder sobre o futuro sem uma perspectiva igual e correspondente sobre o passado, que o impulso de nossa atividade para diante cria atrás de si um vazio onde as lembranças se precipitam, e que a memória é assim a repercussão, na esfera do conhecimento, da indeterminação de nossa vontade (BERGSON, 2002, p.62).

Por isso García tenta preencher o vácuo do tempo, em que a memória pode fluir e trazer lembranças não desejadas.

Muito embora a personagem principal de *Saga* deseje enfaticamente o olvido, muitas vezes sua letotécnica torna-se dialética, porque as lembranças que outrora foram repelidas, tornam-se o refúgio para os momentos de solidão e perigo. A busca de lembranças, as quais se amalgamam com as percepções, substitui, por instantes, a demanda pelo esquecimento. Enquanto observa seus companheiros, e não encontra conforto algum, Vasco pratica um corte no devir temporal ao buscar lembranças:

Milly Kunz estuda com frio interesse, no seu livro de caracteres góticos, o método mais rápido, barato e eficiente de estraçalhar o próximo. Os italianos discutem, blasfemam e praguejam. Entrecerrando os olhos, entrego-me a Clarissa. É uma rendição incondicional, sem batalha. Sinto-a junto de mim, mostro-lhe as terras de Gênova, os vinhedos, as faias, os álamos, os castanheiros, os velhos castelos. Lembrole as nossas conversas de um tempo perdido (VERISSIMO, 1987, p.49).

Conforme Bergson, na relação entre matéria e memória, tudo se passa como se uma memória independente juntasse as imagens que são produzidas. O corpo, nesse ínterim, é também uma imagem, que está em ininterrupto vir a ser, pois as percepções são

constantemente modificadas pelas lembranças que se conservam e se atualizam. Nesse sentido, percepção e lembrança se fundem, sendo impossível discerni-las.

Muitas vezes, enquanto narra sua letotécnica, Vasco é surpreendido por lembranças que se imbricam às percepções:

Vêm-me agora recordações do Brasil. Que estará fazendo Clarissa a esta hora? E Fernanda? E Noel? O velho doutor Seixas seria um excelente médico para a Brigada Internacional (...). As lembranças mais absurdas, as criaturas mais insuspeitadas me vêm à mente. Tenho oito anos, é uma tarde de inverno e eu vou para a escola na minha pequena cidade. Estamos em guerra com os meninos do Poço (...) Curioso, eu me lembrar de tudo isso agora aqui, às doze da noite num mosteiro antigo da Catalunha. Mistérios da memória. Traições da insônia (VERISSIMO, 1987, p.62).

Toda percepção, por mais fugaz que seja, está carregada de lembranças e, como afirma Henri Bergson, “nós só percebemos praticamente o passado, o presente puro sendo o inapreensível avançar do passado a roer o futuro” (BERGSON, 2002, p.176). Dessa forma, as rememorações estarão sempre assombrando a consciência do brigadista gaúcho, as lembranças não são subtraídas, eliminá-las é uma utopia:

É uma noite clara e fresca. Há luzes em algumas janelas. Alguém canta não sei onde uma canção andaluza. Levo comigo uma sensação de angústia. O mundo, tão diferente, que deixei do outro lado do mar me acompanha numa lembrança brumosa. Tenho passado estes dias procurando não lembrar. Faço relações, conquisto amigos e inimigos. Preciso me atordoar com o ódio e a simpatia dos outros embrenhar-me nas histórias e nos problemas alheios para esquecer a minha história e os meus problemas. Não quero pensar. O importante agora é esquecer. A gente só deve guardar é a lembrança dos velhos erros, para não tornar a cair neles. Quanto às recordações doces, sempre a esponja ensopada de vinagre e mais tarde, talvez, uma esponja embebida em sangue (VERISSIMO, 1987, p.77).

Conforme Deleuze (2008), a diferença é o leitmotiv da obra de Henri Bergson, pois as experiências só propiciam mistos. Misturamos lembranças e percepções e, muitas vezes, não sabemos reconhecer o que cabe à percepção e o que cabe à lembrança, não mais distinguimos na representação as duas presenças puras da matéria e da memória.

No excerto a seguir, vemos como as lembranças se amalgamam com as percepções, e as atualizações fazem com que determinados episódios permaneçam ocultados, o que constitui um aparente esquecimento:

O cheiro da bebida me evoca memórias distantes. Revejo interiormente figuras passadas. São como cadáveres de afogados que voltam à superfície da água. Custa-me reconhecê-los: estão carcomidos de esquecimento, é como se estivessem mais mortos ainda do que no dia em que os vi descer à cova. Pais, avós, tios, bisavós. Mortos, sim,

mas sempre comigo, na minha memória, ou no meu sangue, nos meus desejos, nas minhas palavras, nos meus gestos (VERISSIMO, 1987, p.117).

Entre o movimento cerebral de recolhimento (excitação) e um movimento executado (resposta), o cérebro estabelece um intervalo, um desvio, seja porque ele divide ao infinito o movimento recebido, seja porque ele se prolonga em uma pluralidade de reações possíveis. As lembranças se aproveitam desse intervalo para ligar os instantes uns aos outros e intercalarem o passado no presente.

As lembranças não estão acumuladas no cérebro, elas só se conservam na duração, nesta mescla de passado no presente. Dessa forma, determinadas percepções fazem necessárias algumas lembranças, ao passo que outras permanecem adormecidas, mas logo podem vir à tona.

A lembrança de Clarissa é uma das que mais oscilam entre a latência e o ocultamento, pois ora é evocada, ora é olvidada, porque as percepções do instante fazem necessárias outras recordações:

Tenho pensado constantemente no Brasil, nos amigos distantes, e a lembrança de Clarissa está constantemente comigo e às vezes até mesmo nas horas de combate. Mas quando me vejo afundar muito nesta lama sangrenta, quando ainda tenho nas narinas o cheiro pútrido dos cadáveres insepultos, sua imagem se me apaga da memória (VERISSIMO, 1987, p.129).

Quando Vasco decide registrar suas memórias de brigadista, evidencia sua preocupação em ser fiel às lembranças e saber combiná-las adequadamente para que forneçam uma idéia precisa da Guerra:

Deixo aqui alguns episódios e não sei sinceramente se os narro com fidelidade ou pelo menos com isenção de ânimo. Talvez eu tenha uma visão exageradamente artística da vida e o meu amor à pintura e à música faça que eu esteja a procurar no mundo composições para quadros e temas musicais. É bem possível que ao narrar uma história eu altere ou disponha seus elementos de modo a formar com eles uma tela cujo efeito geral tenha valor pictórico, ritmo musical, sentido simbólico. Podemos escolher alguns elementos da realidade, desprezar outros e mesmo desse modo conseguir no fim um efeito muito mais próximo da verdade (VERISSIMO, 1987, p.136).

Contudo, o relato preciso dos acontecimentos de outrora é impossível, uma vez que a lembrança, conforme Deleuze (2008), é portadora da diferença. As exigências do presente introduzem alguma semelhança entre nossas recordações. E a lembrança, inversamente,

introduz a diferença no presente, no sentido em que funde o outrora e o agora, formando novos potenciais:

De um lado, a lembrança pura é a diferença, porque nenhuma lembrança se assemelha a uma outra, porque cada lembrança é imediatamente perfeita, porque ela é uma vez o que será sempre: a diferença é o objeto da lembrança, como a semelhança é o objeto da percepção (DELEUZE, 2008, p.114).

As experiências de Vasco fizeram com que ele amadurecesse, de forma que mudasse alguns de seus conceitos. Um exemplo é que, quando decide escrever seu romance, acredita ser capaz de ser fiel à memória, porém, logo, percebe que sempre às lembranças são acrescentadas nuances ocasionadas pelas percepções atuais e por pequenos esquecimentos.

Paul Ricouer (2007), em *A memória, a história, o esquecimento*, discorre sobre o fato de que, em muitos casos, os herdeiros de memórias históricas as tornam tão-somente memórias-repetição, ou seja, não alcançam o trabalho de rememoração, há um déficit crítico.

Vasco Bruno, ao contrário, atinge esse labor, na medida em que não apenas registra suas memórias, ou sua vontade de esquecer, mas as questiona, apesar de, no início de sua narrativa, ainda ter a utopia de fazer um registro completo e fiel: “É indispensável que o quadro sugira todo o mistério duma vida dolorosa, todo o silencioso drama dessa alma extraviada pela guerra – o gratuito milagre deste encontro que é belo porque é absurdo e não pode perdurar” (VERISSIMO, 1987, p.153).

Na sua condição de testemunha histórica, Vasco põe em xeque a transição entre memória e história, e tenta extrair das lembranças traumatizantes seu valor exemplar, transformando-as em projeto. Ele se encontra, assim como Platão ao relatar a antiga lenda do surgimento da escrita, em dúvida quanto à eficácia do relato histórico e em dúvida quanto à pertinência do esquecimento.

Na lenda narrada em *Fedro*, o deus Theuth, que inventou a escrita, foi ter com o deus do Egito, Amon, e disse a ele que os egípcios deveriam aprender essa arte e afirma ter encontrado o líquido capaz de tornar os homens mais sábios, o *phármakon*: “Aqui está, ó rei, diz Theuth, o líquido que proporcionará aos egípcios mais saber, mais ciência e mais memória” (PLATÃO, 2004). Porém, o rei acredita ser ambígua a droga, pois o registro pode tornar os homens esquecidos, na medida em que não mais forçarão a memória.

Ao pensarmos na narrativa de Vasco, a sua característica de historiador testemunha é veneno ou remédio para a História? E o esquecimento almejado, tem qual efeito?

Vasco, antes de atingir o trabalho de rememoração, almeja o apagamento das memórias do genocídio. Dessa forma, transforma-se em um veneno para a Memória Cultural da guerra. Depois, quando redireciona seus propósitos artísticos, é uma espécie de remédio. Quando está no campo de concentração, pouco antes de retornar ao Brasil, e crente de que morrerá em breve, preocupa-se em deixar uma memória de si:

Eu me considero um monstro porque, miserável como os outros, e como os outros condenado também à morte, surpreendo-me no insensato desejo de ter aqui tela, pincel e tinta para pintar esse quadro de horrenda beleza, a fim de que amanhã, quando estivermos todos mortos, e homens indiferentes vierem enterrar nossos cadáveres, um deles possa encontrar o estranho quadro e ver a um canto dele o meu nome (VERISSIMO, 1987, p.205).

O esquecimento de apagamento que a personagem desejava passa a ser um esquecimento de reserva, aquele que auxilia na organização das memórias e no devir temporal, pois Vasco percebe que nada esquecemos. Um exemplo é quando retorna ao Brasil e é surpreendido por reminiscências:

Ponho-me a comer quase com unção religiosa. E, por um desses inquietantes caprichos da memória, começam a me desfilar pela mente os fantasmas do campo de concentração. Olham-me com inveja e ódio, estendem-me as mãos esqueléticas, pedindo... Nada posso fazer por eles, nem mesmo esquecê-los (VERISSIMO, 1987, p.219).

Como salienta Heidegger (2002), é o esquecimento que torna propícias as lembranças:

Assim como a expectativa só é possível na base de um esperar por, também a lembrança só é possível na base de um esquecer, e não o contrário; pois é no modo do esquecimento que o ser-sido “abre” primariamente o horizonte no qual ao se engajar nele, o Dasein perdido na “exterioridade” daquilo com que se preocupa pode se relembrar (HEIDEGGER, 2009, p.437).

Então, o que resta a Vasco é fazer as pazes consigo mesmo, por ter participado do conflito, e perdoar os envolvidos. Apaziguar as lembranças, em que consiste o perdão, é a última etapa da letotécnica da personagem, por isso ele relata que escreve suas memórias



“levado pela esperança de que alguém mais possa tirar proveito de minhas experiências” (VERISSIMO, 1987, p.229).

Paul Ricoeur (2007), seguindo a linha filosófica de Heidegger, percebe um viés positivo para o esquecimento:

O esquecimento reveste-se de uma significação positiva na medida em que o tendo-sido prevalece sobre o não mais ser na significação vinculada à idéia do passado. O tendo-sido faz do esquecimento o recurso imemorial oferecido ao trabalho da lembrança (RICOEUR, 2007, p.451).

Vasco evita se sentir culpado ou procurar culpados, o que atesta seu perdão e que constitui o horizonte comum da memória, da história e do esquecimento. Conforme Paul Ricoeur (2007) há três culpas, a saber, a culpabilidade política, na qual incorre o cidadão por causa de seu pertencimento ao mesmo campo político que os criminosos; a culpabilidade moral, ligada a todos os atos individuais suscetíveis de terem contribuído efetivamente, de uma maneira ou de outra, com os crimes de Estado; e a culpabilidade metafísica, que é solidária do fato de ser homem numa tradição trans-histórica do mal. No início de sua *Saga*, Vasco parece estar fadado a sentir todas as culpas e, destarte, almeja o esquecimento como catarse. No entanto, muda sua concepção:

Você já pensou em quantos soldados espanhóis, mouros, italianos e alemães eu posso ter matado naquela guerra estúpida com a qual eu de certo modo nada tinha a ver? Pois bem. Às vezes de noite fico pensando em que cada uma daquelas criaturas tinha uma mãe, irmãs, mulher, filhos e que eu cortei vidas que podiam ser preciosas. Isso é horrível, mas agora é irremediável. O essencial é que eu não torne a cometer os mesmos erros. (...)

Nós somos simplesmente arrastados – continuo – e não sabemos nada de nada. E se a questão é de procurar culpados, vamos ver primeiro quem é o culpado desta grande monstruosidade que se chama vida, essa mistura de coisas belas e medonhas, puras e sórdidas, cândidas e perversas (VERISSIMO, 1987, p.296).

A arte do esquecimento de Vasco deveria, se seguisse o que ele propusera no início, assentar-se numa retórica da extinção, ou seja, escrever para apagar. No entanto, atormentado pelo fato de que, mesmo depois de se exilar no campo, as notícias da Grande Guerra que eclode chegam pelo rádio e jornal, ele afirma: “É impossível que o sofrimento e o sacrifício desses milhões e milhões de criaturas seja inútil, fique esquecido” (VERISSIMO, 1987, p.386).

Se, depois dessa mudança. Vasco ainda desejar o esquecimento, não será o da cólera e do apagamento, mas o apaziguado, apenas uma opção. A ação de cambiar concepções e fazer distintos usos retóricos com suas lembranças, confere o caráter de historiador à personagem que fez com suas memórias um trabalho de obra, assim como descreve Paul Ricoeur:

O discurso histórico deve ser construído em forma de obra; cada obra se insere num ambiente já edificado, as releituras do passado são outras tantas reconstruções; às vezes ao preço de custosas demolições: construir, desconstruir, reconstruir são gestos familiares para o historiador (RICOEUR, 2007, p.222).

## 2 O CONCEITO DE HISTÓRIA EM SAGA

O romance *Saga* é narrado em primeira pessoa pela personagem Vasco, a qual não apenas testemunhou a Guerra Civil Espanhola, mas também se envolveu nos acontecimentos. Ao longo da narrativa, a personagem analisa os acontecimentos históricos, bem como as pessoas envolvidas. Ademais, demonstra mudanças quanto ao seu caráter e à sua maneira de conceber a história.

No início da narrativa, Vasco está ansioso esperando o trem que o conduzirá à Espanha em guerra, para a qual vai com o intuito de se atordoar na ação, obter experiências e descobrir novas sensações. Ele decide viajar devido à falta de opções que encontrou em Porto Alegre, cidade que foi viver depois da morte de seu tio, João de Deus Albuquerque. Vasco morava em Jacarecanga com sua família, cujo patriarca era um estancieiro falido e assassinado por credores. Uma vez que sempre teve vontade de deixar a cidade interiorana onde residia, decidiu mudar-se para a capital rio-grandense. Porém, em Porto Alegre, encontrou muitas dificuldades: falta de emprego e duas mulheres para sustentar, a saber, a viúva e sua prima Clarissa, que o acompanharam. Por isso, quando soube do recrutamento de soldados voluntários para combater na Brigada Internacional da Guerra Civil Espanhola, Vasco se alistou, como forma de fugir aos problemas, e, também, por desejo de aventura.

Neste momento do enredo, o narrador de *Saga* não analisa os acontecimentos históricos, tampouco valoriza a vida:

Quero me atordoar na ação (...). A vida é um grande jogo e o destino, um parceiro temível que só aceita grandes paradas. Está bem. Ponho na mesa todos os meus sonhos. Não basta? Jogo então a vida. Do outro lado daquelas montanhas ficam a Espanha e a guerra. Caminho ao encontro de novas sensações. Ou da morte. Que importa? A morte também é uma aventura, a definitiva, a irremediável. Mas o essencial é que aconteça alguma coisa (VERISSIMO, 1987, p.29).

Vasco descreve o ambiente e afirma que está perto de um pequeno café de Cerbère, povoação francesa dos Pirineus Orientais, com 26 homens de nacionalidades diversas que se destinam às Brigadas Internacionais.

Um dos companheiros de Vasco indaga se ele é idealista. Ele, por sua vez, não responde e isso faz com que reflita sobre o assunto, demonstrando não ter opinião formada sobre o momento, sobre os acontecimentos históricos e sobre sua participação.

Além dele, outros voluntários não têm idéias precisas e possuem uma visão romântica da guerra. Ao questionar um jovem chileno acerca da razão de ir lutar na Espanha, ele responde:

- Você sabe, amigo, que esta é uma época utilitária. Não há mais cavaleiros andantes. Sou filho de um homem que enriqueceu à custa desses pássaros que há milhares de anos transformaram a costa do Peru em W.C. Negócio de guano, compreende? Ora, a gente fica cansado de ver excremento, de pensar em excremento, de viver em excremento. De vez em quando é preciso ressuscitar Dom Quixote para novas andanças, não é mesmo? (VERISSIMO, 1987, p. 31).

Aos poucos, a realidade tenebrosa de um país em decadência faz com que a personagem deixe de lado a visão romântica, pois nada escapa à sua narrativa, mesmo antes de entrar em contato com a Espanha:

Esperamos o trem de Perpignan que nos levará a Portbou, já em terras da Espanha. A pequena plataforma está apinhada de gente. Vejo mulheres e crianças sentadas no chão ou deitadas nos bancos. São fugitivos de Irún e San Sebastián, criaturas pálidas e apalrmadas, que trazem no rosto a marca da guerra. Algumas sobraçam os grandes pães que lhes deram os campônios franceses. Muitas delas estão de luto. A poucos passos de onde me encontro, sentada num baú de folha, uma mulher escaveirada, de olhos muito negros, apertada contra o peito a filha de dois anos cujo rosto está todo cheio de feridas inflamadas. As moscas voejam em torno da pobre cabecinha e a mulher procura espantá-la com a mão magra, num desânimo. A criança choraminga (VERISSIMO, 1987, p.32).

Uma das refugiadas começa a gritar que todos são loucos. Isso desperta em Vasco uma característica que o seguirá durante todo o enredo: a contradição. Pois, primeiro afirma: “Sim, estamos todos loucos. O mundo inteiro é um vasto hospício. O bom senso desapareceu da terra. Os homens se estraçalham. É a guerra”. E, logo, lembra dos ideias que há pouco defendera, lembra dos intuitos pacíficos que tivera, muito embora esteja disposto a matar.

Entretanto, breve a visão romântica retorna quando Vasco reclama a um companheiro do cheiro do trem, e o outro afirma: “Se você pensa que na Brigada Internacional os legionários cheiram a Coty ou Caron, é melhor ir desde já perdendo a ilusão” (VERISSIMO, 1987, p.34).

Depois, Vasco chega a Portbou, povoação quase totalmente destruída pelos franquistas. Pela primeira vez, ele vê uma cidade bombardeada. É indescritível. As casas parecem criaturas humanas mutiladas, com as suas entranhas à mostra. A pequena população se refugiou no túnel que fica do lado espanhol, para se abrigar dos bombardeios:

Foge, assim, da ação das bombas, mas não consegue escapar a outros perigos e misérias. A promiscuidade sórdida em que essa gente vive gera toda a sorte de doenças. O tifo dizima os habitantes do túnel. Fico a pensar que por causa do avião,

uma expressão do progresso, essas criaturas são obrigadas a voltar à vida primitiva e animalésca das cavernas. O diabo queira entender o mundo em que estamos vivendo (VERISSIMO, 1987, p. 38).

O narrador de *Saga* considera admirável o fato de que, em meio às sensações de medo da guerra, nostalgia da pátria, e privações de alimentos, os homens desenvolvam, de forma rápida, o sentimento da amizade, não obstante a falta de similitudes linguísticas e culturais entre eles, como é o caso do sueco, do negro e do norte-americano que conheceu e com os quais momentaneamente travou amizade.

Além de narrar a sensação de estar numa cidade bombardeada, Vasco descreve o seu primeiro envolvimento em um bombardeio, que ocorreu em Portbou. Vasco enfrentou um dos ataques dos franquistas que a cidade sofreu, mesmo depois de estar em ruínas.

Em Figueras, cidade por onde Vasco passa, fica, num antigo mosteiro, o quartel das Brigadas Internacionais. Os voluntários são recepcionados pelo major, que diz que a guerra será perversa, pois Franco possui excelente preparação bélica. Nesse ínterim, Vasco observa os voluntários, que, segundo ele, possuem, além dos intuitos políticos, razões idiossincráticas para se envolver no conflito espanhol. É o caso de Mário Guarini, italiano que odiava o regime fascista de seu país e que, por ser de esquerda, teve de se refugiar em Paris. Quando soube da revolução de Franco, logo tomou o partido dos governistas.

A personagem principal deixa transparecer em sua narrativa que o pessimismo e o medo dos combates inquietam os soldados. Mas, como ser contraditório que é, logo adverte: “Mas qual! O importante é que essa chuva cesse, que nos dêem armas e nos mandem para a frente. Deve ser mais decente morrer lutando” (VERISSIMO, 1987, p.62).

Antes de combater, os incipientes soldados fizeram exercícios militares, aprenderam a nomenclatura e o manejo de fuzis e metralhadoras. Vasco começa a observar como a guerra transforma a visão de mundo dos envolvidos. Eles têm o que ele chama de “ódio dirigido”, e isso os fez sofrer uma espécie de mutilação moral. De tanto defenderem os ideais, acabaram prisioneiros desse propósito de luta constante: “A paz para eles seria dolorosa e a vida se lhes tornaria insuportável” (VERISSIMO, 1987, p.69).

O narrador Vasco define a todos os voluntários que encontra, exceto a si mesmo. Há os amantes da guerra, os solitários que buscam no conflito uma espécie de suicídio, os obsessivos pelo heroísmo e que anseiam pela hora decisiva, os depressivos, os refugiados judeus da Alemanha e da Áustria, os que se envolveram por simples espírito de aventura e os idealistas puros.

Além dos soldados, há outros “produtos da guerra”, como Vasco os denomina, a saber, as prostitutas que vivem o bordel de Besalu: “três são raparigas dos arredores, camponesas lançadas à prostituição pelo primeiro batalhão que passou na vila” (VERISSIMO, 1987, p.77).

Depois de uma longa jornada sem saber para onde iam, Vasco e outros soldados voluntários chegam a Barcelona, que, assim como as outras cidades pelas quais passaram, está destruída, parece morta. Logo, estão em Cambrills, uma pequena vila da província de Tarragona. No seu castelo, está instalado o comando da 45ª Divisão, que comporta três brigadas internacionais.

Nesta cidade, os exercícios militares intensificam-se, o que fomenta a apreensão e imaginação dos soldados, que pensam em como serão as lutas reais. A imaginação abre espaço à realidade quando aviões franquistas passam pela região causando pânico nos voluntários.

Há um acontecimento narrado por Vasco - o caso da sarna entre os voluntários - que facilmente seria ocultado por outro historiador porque poderia destruir a peculiaridade heroica dos soldados. O capitão, em uma das sessões de treinamento militar, pede para que todos se dispam. Logo eles tomam conhecimento que se trata de casos de sarna que precisam ser detectados e curados. A partir disso, Vasco critica a forma que geralmente a história é narrada:

É esquisito como, ao pensar na guerra, a gente nunca se lembra desses pormenores sórdidos ou então simplesmente triviais. Tem-se em vista a ação, a luta, o ímpeto, as arremetidas corajosas ou então a silenciosa e subterrânea luta contra o medo. Poetas e jornalistas, romancistas e historiadores, antes de fixar a guerra em livros, revistas e jornais passam-na por uma peneira cuja trama é feita de idealismos, romance e clarinadas gloriosas (VERISSIMO, 1987, p.102).

A narrativa de Vasco, como poderá se constatar, não foi passada por uma peneira purificadora, seu intuito é registrar os mais iníquos momentos, sempre os intercalando às declarações aparentemente desconexas com o contexto da guerra:

O sol irisa a coroa de espuma das ondas. Sempre é bom brincar com imagens poéticas depois duma cena como aquela do pátio do castelo. Sarna e poesia. Desses contrastes é que se faz a vida. Uma coisa não teria valor sem a existência da outra. Mas eu confesso que de bom grado dispenso a sarna. Quanto à poesia, ela às vezes é uma espécie de janela que se abre para uma paisagem repousante: cores e formas novas para os olhos, ar puro para a alma. Mas há momentos em que me revolto contra o que ela tem de amolecedor e feminino (VERISSIMO, 1987, p.102).

O raciocínio da personagem, aos poucos, se mostra dialético porque trata dos mais diversos assuntos e enfatiza a convergência de idéias opostas, como é o caso de *sarna* e *poesia*.

O excerto da obra em que mais transparece a peculiaridade contraditória de Vasco é quando, ainda antes do primeiro combate, ele imagina como será sua atuação: “Estou como que preparando um alçapão para mim mesmo e se na hora decisiva eu fracassar, haverá um Vasco trêmulo e cheio de vergonha e outro Vasco que há de rir sarcasticamente do primeiro” (VERISSIMO, 1987, p.107). Dessa forma, ele não se considera um herói, mas um ser pusilânime.

Logo, os voluntários vão para Rasquera, povoado campestre que também se encontra destruído, e onde aguardam que Franco *lhes mande o seu cartão de visita*. Neste lugarejo, outro detalhe sórdido da vida dos combatentes é acrescido ao da sarna, a saber, as pulgas que lhes assaltam o sono tranquilo que poderiam ter numa das casas abandonadas.

Um amigo de Vasco, De Nicola, declara sarcasticamente: “Eis um detalhe da vida dos heróis que a história universal não registra”.

Um ato de “heroísmo” sarcasticamente descrito por Vasco é o roubo de tomates em uma das hortas da cidade que se localiza a duzentos metros das metralhadoras inimigas: “onde antes eu carregava granadas agora vão tomates” (VERISSIMO, 198, p.115).

Além da sarna e das pulgas, as muquiranas também fazem parte do registro da saga de Vasco. Elas impedem que os voluntários durmam. O desconforto causado pelos parasitas cede lugar aos primeiros tiros do inimigo:

Ao meio-dia uma forte descarga parte das trincheiras contrárias. Revidamos. Dou os primeiros tiros. Tenho os nervos perfeitamente controlados. Como um homem que experimenta a água fria com a ponta do pé, depois mete a perna, a coxa e finalmente o corpo inteiro dentro do rio, eu vou mergulhando aos poucos na guerra (VERISSIMO, 87, p.116).

Os voluntários permanecem por cinco dias espreitando o castelo de Miravet, onde há tropas franquistas. Pela primeira vez suas trincheiras são bombardeadas. Os bombardeios se repetem e há muitos soldados republicanos feridos.

Em todas as vezes em que há momentos sombrios ou de perigo, Vasco os descreve com repugnância, demonstrando espanto e revolta. Porém, à medida que vai amadurecendo e transformando seus conceitos, ele mesmo rejeita suas atitudes: “Que diabo esperava eu encontrar na guerra senão isso – destruição, sangueira e morte?” (VERISSIMO, 1987, p.120).

Os ataques aéreos são constantes e, pelas descrições do narrador, fica evidente que a força bélica franquista é incomensuravelmente maior que a dos republicanos:

Começa o bombardeio. Podemos seguir no ar a trajetória parabólica das bombas. Antes mesmo das detonações chegarem a nossos ouvidos, vemos erguerem-se violentos jatos escuros de fumo dentro do qual saltam para o alto, num arremesso tremendo, fragmentos de pedra, ferro, madeira e vidro. Uns dois segundos depois, as explosões. Cada aparelho lança duas bombas de cada vez. O ataque é um prodígio de precisão e método. Pobre Ginestar. Tem-se a impressão de que suas casas crescem, inflam para depois desmoronarem numa nuvem de poeira e fumaça. As explosões se sucedem ininterruptamente (VERISSIMO, 1987, p.123).

Pela primeira vez os republicanos atacam de surpresa e fazem muitos espanhóis franquistas prisioneiros.

Mais adiante, para seguir a trajetória, é necessário que construam uma ponte sobre o rio Ebro. Este trabalho exaustivo é acompanhado de bombardeios:

À tarde os aviões inimigos nos atacam encarniçadamente. Deixam cair grandes bombas sobre o rio para impedir o trabalho da construção da ponte. Metem-nos nos abrigos. As bombas explodem. Voam estilhaços. O ar se enche de poeira e dum cheiro ativo que tonteia. É o inferno (VERISSIMO, 1987, p.124).

Num dos bombardeios, Axel, um dos voluntários com o qual Vasco primeiro travou contato, é ferido. A descrição deste momento demonstra que Vasco sofre imensamente as consequências da guerra:

De repente Sebastian solta um grito e aponta para um lugar. Vejo Axel caído no chão, com as pernas e as coxas debaixo dum montão de pedras e de terra. Corremos para ele. O sueco está mortalmente pálido. Sebastian e eu o agarramos pelas axilas e começamos a puxá-lo. É um instante pavoroso. Parece que as pernas de Axel se espicham, não se acabam mais... E finalmente, com horror, vejo que o rapaz está com ambas as pernas quase decepadas. Continuamos a arrastá-lo. Tenho ímpetos de chorar, de gritar. Meus olhos estão fixos nesses dois tocos esfrangalhados, presos às coxas apenas por uns fiapos de nervos. Sebastian chora como uma criança. Insensatamente, num desespero, continuamos a puxar a pobre criatura, deixando na poeira um rastro de sangue. Uma das pernas se desprende do corpo e fica para trás. E o que entregamos aos padioleiros é um corpo sem sangue e já sem vida (VERISSIMO, 1987, p.125).

A Batalha do Ebro é descrita pelos historiadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Claudio Bertoldi Filho, em *A Guerra Civil Espanhola* (1996). Conforme os autores, em 25 de julho de 1938, cem mil soldados permaneceram às margens do rio Ebro com o intuito de conter o avanço das tropas de Francisco Franco. Depois de incisivos combates, conseguiram conquistar uma faixa de quarenta quilômetros. Além disso:



A escassez de munição e de alimentos, entretanto, fez com que os invasores detivessem o avanço e passassem a cavar trincheiras, à espera de novos suprimentos vindos do estrangeiro. Os franquistas, por sua vez, adotaram a estratégia de bombardeio aéreo e ataque da artilharia em pontos concentrados e só depois usar a infantaria. A guerra de trincheiras custou caro aos republicanos, cujas tropas foram expulsas do Ebro a 16 de novembro de 1938. Haviam perdido na última batalha da Guerra Civil nada menos que setenta mil soldados, além de grande quantidade de armas e munições (MEIHY; FILHO, 1996, p.48)

Ainda neste estágio de acontecimentos, Vasco considera-se perdido, sem um propósito preciso. Ele, aos poucos, define seu caráter, entrementes à definição dos acontecimentos:

Dia a dia vou descobrindo províncias inexploradas dentro de mim mesmo. Uma noite, por ocasião dum assalto a baioneta, sou tomado dum desejo diabólico de crueldade. Mais tarde, na calma, fico tomado de pavor de mim mesmo ao pensar nisso. Num outro dia arrisco a vida para trazer para as nossas trincheiras um soldado ferido que eu nem sequer conhecia. Certa manhã é o temor do fuzilamento ou a vergonha de parecer covarde que me detém. Há momentos em que sinto um desejo de luta, um ímpeto de destruição. É geralmente quando vejo um companheiro tombar ou quando nos chegam notícias de novos bombardeios de cidades abertas. À vista dos cadáveres mutilados ou de cenas de selvageria, não raro sou tomado dum crise de ternura quase doentia a que se segue uma fria repugnância por toda a espécie humana (VERISSIMO, 1987, p.129).

Aos poucos, Vasco explicita sua auto-imagem que pode ser considerada contraditória, pois, de início, ele não encontrava uma forma clara de se definir, porém, ao observar suas atitudes, demonstra que está em constante tensão de sentimentos, atos e concepções: “E eu sou simultânea ou alternadamente um herói e um poltrão, um anjo e um demônio. Por felicidade, essas mutações se operam invisíveis dentro de mim mesmo e muito raramente têm reflexos exteriores” (VERISSIMO, 1987, p.130).

Diante da atitude indiferente que De Nicola demonstra perante os sofrimentos alheios e o próprio, Vasco começa a refletir sobre os proveitos que a sua experiência pode trazer ao mundo e a si mesmo. É uma das profundas transformações que ocorrem, pois de início o que o levou à Espanha eram os desejos de aventura e de fuga dos problemas que encontrou em Porto Alegre. Logo, quer resultados para sua atitude.

O ambiente hostil, as privações e perigos por que passou, colocaram em xeque as convicções da personagem principal de *Saga*:

Tudo o que tenho de bom e de mau no fundo do ser é agitado e trazido tumultuosamente à superfície. Vou conquistando palmo a palmo, com pesadas perdas, territórios interiores que ainda não domino. Quando esta guerra terminar haverá na terra pelo menos um homem novo (VERISSIMO, 1987, p.130).

Doravante, a maneira como ele descobre seus territórios interiores e como os relaciona com a exterioridade são descritos na sua narrativa.

Quando chega à Tortosa, observa que também outros soldados são pusilânimes como ele, porque têm momentos de extrema bravura, e outros, de fraqueza. A partir disso, decide deixar registradas suas aventuras e observações, dando ênfase à busca de um rumo.

Marcus Silberstein, um dos voluntários, indaga Vasco se ele ouviu “as batidas do destino”, que ele acredita ser responsável por o ter trazido até a Espanha. Com isso, o narrador de *Saga* reflete sobre os momentos decisivos de sua vida e o que o conduziu à Europa. Ele estava num café em Porto Alegre quando ouviu notícias dos massacres das populações civis, eram “as batidas do destino” (VERISSIMO, 1987, p.138). Era a história que o conduzia. O colega de Vasco acredita que o destino nos dirige a seu bel-prazer. Ele faz menção à Quinta Sinfonia de Beethoven, que tem como verso inicial *So pochet das Schicksal an der Pforte* (É assim que o destino bate à porta).

Conforme José Ramos Tinhorão, em *A música popular no romance brasileiro* (2002), Erico Verissimo dividiu seu romance em quatro *movimentos*, com a intenção literário-musical de parecer uma sinfonia. Além disso, usou como títulos dos capítulos de *Saga* trechos de músicas de Beethoven: da 3ª Sinfonia, sob os títulos de “Círculo de giz” e “Sórdido Interlúdio”; da 5ª Sinfonia, o título “O destino bate à porta”; e da 6ª Sinfonia, a parte intitulada “Pastoral”.

Depois de ser ferido com um tiro que atravessou seu pulmão, e de ter que passar uma longa estadia de recuperação no hospital, Vasco analisa o que alhures fora, bem como suas transformações:

Chego a conclusão de que o Vasco Bruno que em fins de março entrou na Espanha pelo túnel de Cerbère não é o mesmo que aqui se acha estendido numa cama de hospital em Barcelona. Alguma mudança se operou dentro de mim. Nestes últimos meses tenho visto a vida no que ela tem de mais cru e brutal. No fim de contas, eu queria que acontecesse alguma coisa e minha vontade foi satisfeita. Conheci as muitas formas do medo e vi as diversas faces do horror. Convivi com homens cujos atos e palavras me decepcionaram ou surpreenderam, me deixaram intrigado, revoltado ou indiferente. Vi como eles se portaram diante da morte. Alguns me fizeram confissões, outros, pela fresta de uma palavra ou de um gesto, permitiram que eu lhes vislumbrasse territórios interiores. As surpresas que tive comigo mesmo não foram pequenas. Não sei que proveito tirar das duras lições que a vida me deu. Talvez seja ainda cedo para que essas experiências frutifiquem. Só sinto que estou diferente. Para melhor? Para pior? Mas pior ou melhor com relação a que padrão moral? (VERISSIMO, 1987, p.152).

Esses questionamentos são respondidos sutilmente ao longo da narração, que passa a ter como foco estabelecer um propósito para as experiências adquiridas. O objetivo do enredo

é transmitir as memórias da guerra e, especialmente, as consequências desta para os que se envolveram direta e indiretamente.

O enredo, muitas vezes, parece repetitivo e não conclusivo, pois retrata a auto-interpretação de um soldado que tem grandes nuances de comportamento. Há momentos, como o relatado acima, em que Vasco tem certeza da importância de sua participação no conflito. Porém, em outros, ele fraqueja e considera inútil sua atuação. Seu companheiro, Dom Miguel, pergunta o motivo de ele estar na Espanha, não obstante haver tantas coisas que ele podia fazer por seu país. É a primeira vez que Vasco pensa em voltar ao Brasil.

E ele é transferido do hospital no qual passará três meses. As notícias não são animadoras: a ofensiva de Franco prossegue com violência, e ninguém mais acredita na vitória dos republicanos. Volta ao batalhão, na serra de Caballs, o pior setor à frente do Ebro, pois os bombardeios são repetidos e os recursos dos vermelhos são escassos. A descrição de Vasco se estende a uma reflexão sobre o tempo, tal qual a personagem Hans Castorp, em *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann. Castorp vai a um sanatório visitar seu primo que trata uma anemia e descobre que tem tuberculose. Por isso, fica internado por alguns anos. Apesar do envolvimento da personagem com uma guerra ocorrer no final do enredo, há muitas peculiaridades que o assemelham a Vasco, a saber: o fato de se desligar da família, do país e fazer reflexões, enquanto está internado, sobre a subjetividade do tempo. Além disso, a experiência de afastamento o faz amadurecer. A forma que Hans Castorp concebe o porvenir temporal é a seguinte:

(...) mergulharmos na mais profunda ignorância quanto ao curso do tempo, e de perdermos, por conseguinte, a noção de nossa idade. Este fenômeno é possível, já que absolutamente não temos no nosso interior um órgão para o tempo, o que nos torna incapazes de avaliar este apenas aproximadamente pelas nossas próprias forças e sem nos basear em indícios interiores (MANN, 1980, p.604).

A descrição de Vasco sobre sua noção de tempo, depois de afastado de sua família e país, e imerso no conflito espanhol, é análoga ao excerto de *A Montanha Mágica* (1980):

Não sei com que sentido a gente afeere o tempo, mas, seja como for, esse aparelho auferidor em mim não está funcionando bem. Às vezes tenho a impressão de que me encontro aqui há quase um ano. Doutras, parece-me que entrei ontem e que ainda tenho a ecoar nos corredores do cérebro o ribombo dos canhões (VERISSIMO, 1987, p,187).

Ademais, outra questão que torna possível a comparação entre Vasco Bruno e Hans Castorp é a concepção de tempo como um eterno vir-a-ser. A personagem de *A Montanha Mágica* analisa o fluxo temporal: “O tempo é ativo, tem caráter verbal, traz consigo. Que é

que traz consigo? A transformação. O Agora não é o Então; o Aqui é diferente do Ali; pois entre ambos se intercala o movimento” (MANN, 1980, p.384).

Quando Hans Castorp sai do hospital, encontra o mundo imerso na Segunda Guerra Mundial. E Vasco, quando ganha alta, encontra um ambiente ainda pior do que o de antes, pois a guerra finda e as consequências são terríveis:

Barcelona vive sob a constante ameaça dos bombardeios. Os víveres escasseiam. A cidade tem um aspecto de miséria e catástrofe. Este inverno tem sido duro e cruel. A prostituição aumenta assustadoramente e por um cartão de racionamento que dá direito a um prato de lentilhas, há mulheres que entregam o corpo ao primeiro desconhecido (VERISSIMO, 1987, p.188).

Vasco passa o Natal sozinho, lembrando momentos da guerra, especialmente dos seus amigos:

Passo a vigília de Natal num café quase deserto, na frente dum tristonho cálice de conhaque. Assaltam-me memórias doces e amargas. Lembro-me de pessoas queridas e para os meus camaradas mais recentes tenho também um pensamento de ternura. Axel...Brown...Green...Martin...De Nicola...Juana...Dom Miguel...Alfonsito. Seja como for, esta guerra para mim não foi de todo perdida, porque eu vos conheci (VERISSIMO, 1987, p.191).

Para ele, que teve formação cristã, o Natal simboliza o nascimento, e as pessoas, nesta data, anseiam por sentimentos fraternos. É por isso que, nesta etapa da narrativa, sua análise tende a encontrar uma justificativa para os acontecimentos pelo viés da amizade.

Janeiro inicia com péssimas notícias para os republicanos, pois o governo está derrotado, e os exércitos de Franco prosseguem vitoriosos na grande ofensiva. Multidões deixam Barcelona com destino à fronteira francesa. Dessa forma, Vasco inicia a descrição dos piores momentos que passou na Espanha. Ele julgara que havia visto o pior que pode acontecer a um homem e a um país. No entanto, novos acontecimentos põem em xeque suas conclusões e mostram que o trágico ainda está por vir. Eis uma descrição:

Milhares e milhares de criaturas, numa fileira interminável, caminham pelas estradas cobertas de neve na direção dos Pirineus. Querem fugir aos bombardeios, às tropas mouras que se aproximam, aos tanques italianos – anseiam por atingir uma terra onde possam viver longe do fantasma da guerra. Alguns viajam em carroças, outros montados em cavalos ou mulas, mas a grande maioria segue a pé, com trouxas às costas. Nunca vi tantas caras apavoradas nem ouvi tantos choros e lamentações. É um quadro de miséria e desolação. Os retirantes vivem num pavor constante. Muitas vezes os aviões descem a pequena altura para os metralhar. Os caminhos ficam juncados de cadáveres que ninguém pensa em sepultar. São marcos sinistros da estrada mais sombria que eu já trilhei em toda minha vida (VERISSIMO, 1987, p.192).

A própria personagem se espanta diante da catástrofe que vive, pois percebe que os *lugares-comuns* da tragédia estão todos presentes na guerra, a saber, pessoas desmaiando de fome, crianças chorando, mães gritando enlouquecidas diante do sofrimento dos filhos e, também, retirantes tendo que matar cavalos para sobreviver. Ademais, há a característica trágica que considera fatal: estar inerte diante dos fatos. Além disso:

Anda no ar um mau cheiro insuportável. E como se todas essas desgraças não bastassem, os aviões inimigos vindos de Maiorca bombardeiam à noite a povoação. Figueras assume o aspecto dum fantástico açougue de carne humana. Os cadáveres entulham as ruas. Temos de queimá-los com medo da peste, pois não há tempo para os enterrar (VERISSIMO, p.193).

Na segunda parte da obra, denominada *Sórdido Interlúdio*, descrevem-se os dias que Vasco passou no campo de concentração de Argelès-sur-Mer, nos Pirineus Orientais. Milhares de soldados tiveram de caminhar mais de cinquenta quilômetros para chegar ao campo.

Vasco, na sua narração, dá especial ênfase à animalização do homem: “Somos cerca de oitenta mil homens encurralados como animais entre o mar e uma cerca de arames farpados guardada por tropas senegalesas” (VERISSIMO, 1987, p.197). A alimentação é escassa, a água, salobra, e o tratamento pelas tropas, brutal. Todos estão cadavéricos e anseiam pela morte. As condições ambientais também são terríveis, pois o vento do mar é forte, e a temperatura é extremamente baixa.

Porém, mesmo nesta situação desumana, há pessoas que, sob a ótica de Vasco, se destacam das demais, aqueles que são os chefes dos grupos.

Como em todos os instantes narrados, apesar da miséria, perigo e medo, Vasco presta atenção em outros aspectos do ambiente e da situação, como acontece neste excerto:

E o mais curioso é que do fundo da minha abjeção ainda tenho olhos para apreciar os crepúsculos de inverno por trás dos Pirineus. Os reflexos alaranjados do último sol na neve dos cimos, a vaga bruma cor de violeta que envolve as montanhas, são o único indício de que a beleza e a paz ainda não desertaram do mundo e a certeza e que no final de contas ainda não estou morto (VERISSIMO, 1987, p.201).

Os casos de loucura são inúmeros, desde crises de desespero até os que a demonstram de forma iníqua, como é o caso do colecionador de piolhos, que acredita que esses animais serão empregados como arma na próxima guerra.

Os sentimentos paradoxais tomam conta de Vasco e dos homens com os quais convive:

É estranho estar diante do mar e não poder tomar banho; é doloroso e ao mesmo tempo animador pensar em que a alguns quilômetros de onde nos encontramos existem cidades onde as criaturas vivem normalmente, bebem água pura, comem alimentos sãos, ouvem música e sabem sorrir. As pessoas que vejo a meu redor, quando não se entregam ao desânimo e à apatia, desandam a praguejar. Aham sempre um culpado para a situação em que se encontram. Franco. Negrin. A Inglaterra. O capitalismo. O comunismo. E até Deus. Os próprios ateus culpam Deus da miséria em que se arrastam (VERISSIMO, 1987, p.205).

Na terceira parte da obra, denominada *O destino bate à porta*, Vasco recebe autorização para voltar ao Brasil. Sua noiva, Clarissa, o espera no cais. Logo, é chamado para ir depor na delegacia, pois é suspeito de ser comunista. O delegado se convence de que Vasco foi para a Espanha por espírito de aventura, e não por partidarismos.

A sua experiência na Espanha fez com que ele ampliasse as lentes com as quais analisa o mundo, pois coisas antes insignificantes agora são deveras importantes, como um prato de comida, uma conversa com familiares e um ambiente de paz.

A narrativa dos fatos prossegue mesmo depois de deixar as terras espanholas. Vasco mantém um diário. Quando encontra o doutor Seixas, seu antigo médico, este lhe diz que foi uma loucura deixar seu país para meter-se numa guerra e terminar com uma bala nos pulmões. Vasco, no entanto, retruca que a experiência serviu para seu amadurecimento.

Na sua cidade, Porto Alegre, o milionário Cambará, que fora colega de infância de Vasco e o qual herdou uma fortuna da família, tece uma luta ferrenha por territórios com Fernanda, amiga que Vasco conheceu em Porto Alegre pouco antes de ir à Espanha, e herdeira da fortuna de seu sogro. Ela construiu um hospital de caridade e um cinema para os pobres onde Cambará gostaria de ampliar suas propriedades e lucros. Vasco analisa este acontecimento como uma atitude imatura e insensível. Para ele, que conviveu com o milenar povo espanhol e passou por todas as espécies de privações, o povo brasileiro é historicamente imaturo: “Falta-nos tempo nas nossas casas, nas nossas cidades, nos nossos desejos, na nossa memória, na nossa alma” (VERISSIMO, 1987, p.237).

A partir da descrição de Chinita Pedrosa, Vasco analisa as mudanças temporais: “O caso de Chinita para mim só tem importância pelo que vale como símbolo. Reflexão em torno de um tropeiro gaúcho e de Greta Garbo. Hollywood e Jacarecanga. A história social da América de 1914 para cá” (VERISSIMO, 1987, p. 246).

Ela é filha de Zé Maria, que morou em Jacarecanga e que, depois de perder, em maus negócios, a fortuna que herdou do pai, consegue se restabelecer devido à tenacidade da esposa. Foi na cidade interiorana que Vasco o conheceu, trabalhando em uma loja de secos e molhados. Chinita era ainda criança quando seu pai ganhou dinheiro em um jogo e mudou-se para Porto Alegre com a família. Por um tempo, viveram no luxo de um palacete. Porém, Zé

Maria perdeu os bens e voltou para sua cidade natal. A filha, por sua vez, preferiu ficar na capital e levar uma vida desonesta, ou seja, uma suave prostituição, como Vasco a classifica.

A moça pede a Vasco que pinte seu retrato, e ele acha curioso que ela segue, nas roupas e nas atitudes, os figurinos de Hollywood, não obstante seu avô ter sido um rude e analfabeto ladrão de cavalos, e seu pai, um boêmio. As mudanças provocadas pela modernidade, conforme Vasco, trazem muitos malefícios.

A grande transformação, de caráter e da forma de analisar as pessoas, pela qual Vasco passou, fica evidente quando ele vai pintar o retrato da rapariga e ela mostra-se insinuante:

O Vasco que conheci uns tempos atrás já se teria arremessado selvagememente contra essa rapariga para extrair dela todo o prazer que ela fosse capaz de lhe proporcionar. Mas eu ando à procura de equilíbrio e descobri que o homem que traz o sexo exclusivamente na cabeça nunca poderá ser bem-sucedido nessa busca. Só há uma coisa mais absurda e tola que a continência sexual; é o abuso. A trincheira me ensinou muita coisa em matéria de castidade. Não tenho escrúpulos de caráter religioso, - mas o meu sentimento de fidelidade às coisas belas e harmoniosas se revolta contra a fornicção indiscriminada (VERISSIMO, 1987, p.250).

Em um circunlóquio durante o qual pinta o retrato da desfrutável Roberta Erasmo, esposa do doutor Aldo Erasmo, que tem uma brilhante carreira social e financeira, Vasco fornece uma descrição análoga a sua maneira de conceber a história, ou seja, levando em consideração todos os aspectos da vida. Pois, quando Roberta indaga se acredita nas classificações que o povo lhe atribui, ele afirma:

Acontece que não tenho idéias padronizadas e essas não são propriamente as minhas idéias. Na minha opinião, cada pessoa tem a sua realidade. A sua é... essa. A de Clarissa, por exemplo, é diferente. Todos nós somos ao mesmo tempo muito parecidos e muito diferentes uns dos outros. Na Catalunha encontrei um velho que gostava apaixonadamente de comer caracóis. Eu compreendo e justifico esse gosto dentro da realidade daquele catalão, mas nem por isso me sinto inclinado a comer caracóis (VERISSIMO, 1987, p.260).

Depois de conviver com fatos decisivos para a proliferação da história mundial, como foi a Guerra Civil Espanhola, Vasco aprimorou sua maneira de analisar pessoas e acontecimentos e, destarte, acredita que os estereótipos são injustificáveis, pois cada situação deve ser explicada dentro de seu contexto, levando em consideração o tempo em que o historiador está inserido.

A pedido de Roberta, Vasco analisa os membros de sua família e, como nos demais casos, dispensa o idealismo e as padronizações, tecendo a análise a partir dos fatos. Ele acredita que ela, seu marido e o casal de filhos são uma família de aparências e de desencontros, os quais se mantêm unidos apenas por convenções sociais.

Além disso, a personagem principal de *Saga* justifica sua rude análise da família Erasmo a partir do passado que herdou, porque afirma: “Quantos antepassados camponeses serão responsáveis por este meu gesto de franqueza?” (VERISSIMO, 1987, p.263). Na visão de Vasco, o passado sempre determina o presente, mesmo que, por alguns momentos, ele desejasse ocultá-lo ou olvidá-lo.

A análise de tipos humanos se estende à família de Modesto Braga, o sogro do irmão de Fernanda, grande amiga de Vasco e Clarissa. A filha de Braga casou-se às pressas com Pedrinho, e todos vivem na casa de sua irmã, Fernanda. A corrupção moral assola a família, ao passo que a caçula, Modestina, canta na rádio marchinhas de carnaval cujas letras são levemente imorais:

Modestina tem dez anos e um par de olhos graúdos e maliciosos. Usa ainda carpins e vestidinho curto, mas quem não a conhece é incapaz de imaginar que é da boca de uma criança que sai essa voz safada, erótica, que às vezes se quebra sincopada num tremor de agonia e gozo, a insinuar espasmos e sensações lúbricas. Porque a menina canta como uma mulherzinha depravada, não porque conheça a maldade e o vício, mas porque as outras, as mulatas do morro, as estrelas de rádio que ela ouve com delícia, cantam assim, e porque papai e mamãe querem que ela seja a “Aracy de Almeida dos Pampas” (VERISSIMO, 1987, p.272).

Conforme Vasco, convivem sob o mesmo teto esta família, que é medíocre, Fernanda, que é idealista, seu marido Noel, que é um sonhador e sua mãe, uma matriarca irascível. Ainda segundo Vasco, a heterogeneidade de tipos humanos convivendo no mesmo ambiente é a súpula da vida, que tem como característica principal a incompreensão. Por isso, ele objetiva viver afastado das conturbações:

É a vida. Não serei eu quem vá mudar. Refiro-me à vida dos outros. Mas ... e quanto à minha? Terei achado o meu rumo? Cavado o meu nicho no universo – um nicho em que eu me sinta à vontade, abrigado e livre, contente e realizado? Um nicho que em nada lembre aquelas sórdidas covas em que nos metíamos no campo de concentração para nos defender das tempestades de areia e neve? (VERISSIMO, 1987, p.273).

Apesar de desejar esquecer a civilização e a guerra, logo Vasco percebe que é impossível, pois a paz o estonteia tanto quanto a guerra, e o mistério dos tipos humanos o seduz. Ele se considera diferente de outrora: “Mas eu não consigo olhar as pessoas com o mesmo que-me-importismo de outros tempos” (VERISSIMO, 1987, p.277). Agora abomina as atitudes precipitadas, inconsequentes e, principalmente, odeia o apego às coisas materiais, especialmente quando é prejudicial, como é o caso do Cambará, que usa de diversos meios ilegais para obter as propriedades de Fernanda.



Por um tempo, Vasco se sente culpado por todas as pessoas que indiretamente prejudicou na Espanha, mas logo conclui que o essencial é não cometer os mesmos erros. Lamentar é inútil, na medida em que “Nós somos simplesmente arrastados” (VERISSIMO, 1987, p.293). Além de sermos conduzidos ao bel-prazer da história, carregamos os erros dos antepassados: “(...) centenas de gerações através de séculos estiveram empenhadas nesse trabalho lento e diabólico de deformação, repressão e limitação” (VERISSIMO, 1987, p.309).

Muito embora as determinações do passado pulsam no presente, Vasco deixa evidente que a elas são acrescentadas novas camadas do presente. Essa idéia fica clara quando relata a história de seu amigo médico Eugênio Fontes, que fora pobre na adolescência. Depois de formado, se envolve com sua colega de faculdade, Olívia. Apesar disso, casa-se com Eunice Cintra, uma moça rica. Do namorico adolescente, nascera uma filha, a qual Eugênio só conheceu depois da morte de Olívia. Abatido pelo sentimento de culpa por tê-la abandonado, além de ter se separado da esposa para cuidar da filha, ele tenta cultivar sua memória de diversas formas, muito embora os acontecimentos presentes se imbriquem às suas lembranças:

Eugênio – eu o sinto há muito tempo – está na órbita de influência de Fernanda e completamente fascinado por ela. Percebo isso nas suas palavras, na maneira como a contempla quando estão juntos. Não sei até onde irá essa adoração. Só sei que para Olívia a luta é desigual. Porque ela está morta. Dela restam estes móveis, alguns objetos, essas cartas que ali estão em cima da mesa e uma lembrança que se vai esmaecendo com o passar do tempo, uma memória a que Eugênio tenta desesperadamente dar cores novas (VERISSIMO, 1987, p.310).

A história de Eugênio Fontes e de Olívia é narrada em *Olhai os lírios do campo*, romance de 1938. O drama do casal de médicos é recontado em *Saga*, porque Eugênio não havia resolvido seus problemas, como a questão dos sentimentos de culpa por ter abandonado Olívia grávida para se casar com uma moça rica. Além disso, no romance anterior a *Saga*, Eugênio fornecera o seu sentido para memória e esquecimento, que logo depois modificou: “O mundo seria insuportável se as criaturas tivessem boa memória” (VERISSIMO, 2001, p.376). Naquele momento, o que ele desejava era esquecer Olívia para tornar suportável a vida. Entretanto, com o passar do tempo, tentou manter sua memória intacta, o que é tão absurdo quanto desejar o olvido completo dos momentos que passara com ela. À memória de Olívia foram acrescentadas outras lembranças e acontecimentos, como o fato de Eugênio estar encantado por Fernanda, transformando-a.

A descrição da vida de Eugênio, bem como de sua concepção de memória, serve para afirmar a maneira como a história é vista no romance *Saga*, ou seja, uma sucessão de transformações dos fatos de outrora.

Para analisar os fatos e as pessoas, Vasco não dispensa pormenores. Em uma festa na casa de Roberta Erasmo, ele conversa com Norma, a qual é insinuante e, por isso, ele afirma que: “Decerto o Destino me poupou a vida na Espanha só para que esta noite eu pudesse estar aqui sentado na frente dessa rapariga” (VERISSIMO, 1987, p.326). Todos os instantes, no enredo de *Saga*, estão interligados e o narrador deixa nítida a convergência entre presente, passado e futuro.

Outra pessoa de quem Vasco pintou o retrato e que cambiou sua visão de mundo é o doutor Abel. Ele diz a Vasco que o mal da humanidade é a modernização. As guerras e os conflitos sociais são formados em torno disso:

O nosso mal – diz Abel – é que vivemos amontoados nas cidades, a nos agitar nesta civilização imitativa de arranha-céus e máquinas. Somos um povo sem raízes no solo. Olhe a nossa sociedade. Que é que vemos por trás dessa ostentação de *remards argentées*, automóveis de luxo, palacetes, joias e o mais que segue? Nada mais nada menos que fazendas hipotecadas, letras vencidas e uma fuga da terra, a renegação dum passado que podia ser um princípio de tradição (VERISSIMO, 1987, p.339).

Vasco leva em consideração as conclusões de Abel, porque esteve envolvido na guerra espanhola, que foi a luta entre o moderno e o conservador. As correntes e os partidos políticos questionavam padrões que deveriam se transformar ou ser extintos. A tradição foi afrontada, os vínculos entre colônias e metrópoles estavam em processo de extinção. O desejo dos liberais, democratas e socialistas, era modernizar a Espanha, fazendo-a superar o arcaísmo conservado pela Igreja e pelas Forças Armadas.

Na década de trinta, a Espanha passava de monarquia a república, porque o império colonial encontrava-se em profunda crise devido à independência das colônias, que garantiam boa parte do sustento do país. A sociedade espanhola, dessa forma, dividia-se em duas correntes, a saber, a esquerda republicana, que almejava a implantação de um novo regime e a instauração de reformas sociais, e a direita, que desejava a permanência da monarquia e do poder atribuído ao clero. Estes últimos representavam, principalmente, a elite agrária, não conformada com a decadência do patriarcado rural.

A Igreja era a principal instituição de apoio à monarquia e aos latifundiários. Ela dava legitimidade ao poder real, baseado na tradição do direito divino dos reis. Ademais, o clero monopolizava as atividades de ensino em todos os níveis, controlando as consciências, as normas e as repreensões.

Outro grupo ligado às elites, e que buscava defender a ordem tradicional, era representado pelos militares, que foram expulsos das antigas colônias. Devido à perda das colônias e, com isso, do capital, havia dificuldade para a implantação de um parque industrial capaz de atender às necessidades da população. Isso gerou organizações sociais, que contestavam a ordem econômica e política. As mudanças almejadas pela esquerda foram infecundas devido, principalmente, à força da monarquia e do monopólio eclesial católico.

Por considerar que a tentativa de derrubar o tradicionalismo espanhol trouxe drásticas consequências para o mundo, Vasco quer se afastar de tudo que lembre a modernidade, quer viver no campo.

Logo após a decisiva conversa com o doutor Abel, o narrador de *Saga* ouve na rádio a confirmação de que a guerra na Europa foi declarada. Depois disso, Vasco conta a Fernanda, a dona do jornal onde trabalha, que irá para o campo, para se afastar das notícias da guerra e de todos os problemas da cidade. Ele acredita que essa é uma forma de apaziguar um dos lados de sua personalidade contraditória:

É que eu cheguei à compreensão de que a vida na cidade, com as suas complicações, faz que a todo momento esteja subindo à tona esse lodo que dorme no fundo de cada um de nós, ao passo que numa vida simples e natural eu poderei conservar em estado de pureza as qualidades boas que sinto existirem em mim (VERISSIMO, 1987, p.354).

Fernanda, que o conhece bastante, pergunta se logo ele não se aborrecerá, se o outro lado de seu ser não virá à tona. Ele responde que empregará seus ímpetos em trabalhos braçais. O mais importante para Vasco, nesta etapa de sua vida, é fugir à esparrela da modernidade que, na sua concepção, aprisiona os homens a desejos irrealis e torna impossíveis os verdadeiros. Conforme Vasco Bruno, a modernidade está ligada ao regime capitalista e à questão da monopolização do poder e do capital. Quando vivia em Jacarecanga, como aparece nos romances *Música ao longe* e *Um lugar ao sol*, ele desejava a decadência do patriarcado rural e o surgimento de um novo regime mais igualitário. Por isso, identificou-se com a causa republicana espanhola, que também almejava o declínio dos latifundiários. No entanto, na Espanha, a tentativa de mudança foi drástica, pois houve a destruição de muitas cidades, a morte de milhões de pessoas e a imersão do país em um regime ainda pior que a antiga monarquia, a ditadura de Francisco Franco. E a pior característica da modernidade, do que se desprende da narrativa de Vasco, é a política de esquecimento, é saber que todo o sofrimento não mudou a mentalidade das pessoas, e que o mundo se prepara para novas guerras com o

intuito de centralizar o poder e de adquirir territórios. A partir dessa constatação, ele conclui que a atualidade carece de apego à natureza e de reflexão sobre o passado.

Antes de ir para o campo, porém, o ex-combatente da Brigada Internacional presencia mais um acontecimento sórdido, ou seja, a morte de Pedrinho, o irmão de sua amiga Fernanda. Ao saber que sua mulher o enganava, Pedro foi confrontar-se com o amante e acabou levando um tiro do amante da esposa. Mais uma vez, Vasco analisa as atitudes, tanto de Pedrinho como do amante de Ernestides, a partir do fardo do passado, que ele denomina de fantasmas sutilmente determinando as ações presentes: “(...) todos os nossos antepassados, os que nos precederam, aqueles cujo sangue corre nas nossas veias, cujos erros estão na nossa carne e cujas superstições se arraigaram no nosso espírito” (VERISSIMO, 1987, p.360).

A morte de Pedro é análoga à do escritor brasileiro Euclides da Cunha. A semelhança, sem dúvida, não é fortuita, pois além da vida de Euclides da Cunha, que foi marcada por seu assassinato pelo amante da mulher Ana, o militar Dilermando, há os acontecimentos que Euclides presenciou para escrever sua obra magna, *Os Sertões*.

O principal objetivo da Guerra de Canudos, descrita na obra de Euclides da Cunha, foi a modernização do sertão, a inclusão deste nos padrões científicos e políticos. Isto está ligado ao aparecimento, no Nordeste, durante a Colônia e o Império, da vida urbana e de uma elite intelectual. Havia uma oposição entre o norte, do mestiço “atrasado”, em oposição ao litoral, do branco “civilizado”.

Com a Proclamação da República, em 1889, consolidou-se a direção política nas elites do sul, sobretudo pelos militares. Os republicanos travavam uma guerra para modernizar o país. Para eles, era preciso centralizar o espaço político constituído num imenso território desigualmente habitado. Para isso, foi necessário uma forte repressão militar. O sertão do Nordeste, principalmente, não foi integrado nos planos da modernização, pois desde a época colonial lá se desenvolviam formas peculiares de organização social baseadas na posse da terra e do gado, e na organização comunitária e religiosa. A religião sertaneja estava organizada em torno de uma atmosfera messiânica, em que os “conselheiros” se faziam de líderes sociais.

Em 1893, se formou, em Monte Santo, uma região do interior da Bahia, sob a liderança de um eremita místico, o Antônio Conselheiro, o império do Belo Monte, conhecida como Canudos. Era uma comunidade formada por trabalhadores rurais, sem-terra, pequenos comerciantes, negros recém-libertados, cujo vínculo de união era a crença religiosa.

Para os habitantes desta região, os ideais republicanos eram caracterizados como demoníacos, uma vez que tentavam reverter a ordem monárquica, que representava, na terra, a

ordem divina. Canudos, dessa forma, se transformou num problema para os fazendeiros da região, que perdiam mão-de-obra devido à crença do desapego material, e em um problema para o governo republicano, que não conseguia adentrar as terras sertanejas. Assim, para o governo republicano, a região de Canudos, com seu caráter místico, deveria ser combatida em nome da modernização.

No Rio de Janeiro, iniciou-se uma campanha contra Canudos, e o governo optou pela repressão militar à comunidade e enviou, no final de 1896, uma expedição ao sertão. Canudos, por sua vez, a recebeu armado e a derrotou. Duas outras derrotas se seguiram, e o povo carioca exigia que o governo acabasse com a região sertaneja, por ser uma ameaça monarquista.

Dessa forma, em 1897, foi organizada uma expedição, composta por 10 mil homens armados com o melhor equipamento bélico disponível, atingindo o objetivo de destruir Canudos, que perdeu todos os seus membros mortos por balas, mortos de fome ou degolados pelos militares.

Euclides da Cunha chegara a Canudos em 1897, como enviado do jornal *O Estado de São Paulo*. Ele fazia parte, como militar, engenheiro e jornalista, da elite republicana e estava familiarizado com as idéias de alteridade difundidas na Europa. E, assim, escreveu *Os Sertões*, em que retrata o conflito entre sertanejos e republicanos. A obra pode ser vista como uma análise antropológica da contradição entre a cultura tradicionalista e vulgar dos sertanejos e a cultura elitizada e cidadina que a República almejava implantar na região de Canudos.

Como visto, a causa republicana espanhola, defendida por Vasco Bruno em terras europeias, tem similitudes com as razões que levaram os militares brasileiros a massacram os habitantes de Canudos. No Brasil, assim como na Espanha, o intuito dos republicanos era abolir a monarquia como forma arcaica de governo. Porém, ao contrário do que ocorreu no Brasil, a república na Espanha não logra tomar o poder, fazendo de Vasco um perdedor.

Depois da morte de Pedro, Vasco casa-se com Clarissa e muda da paisagem urbana para campestre. O rapaz que outrora manejava armas, agora conduz um arado. Trata-se da quarta parte de sua narrativa, denominada *Pastoral*. Ele e a esposa vivem bucolicamente por alguns meses, em completa ausência de elementos citadinos. No entanto, em uma noite, resolvem escutar a rádio, e o nicho é invadido pelo horror da guerra:

A Holanda e a Bélgica invadidas e dominadas... O rolo compressor germânico a avançar esmagador e invencível... Cidades bombardeadas em chamas... Populações civis em fuga pelos caminhos e metralhadas impiedosamente... A França à beira do

maior colapso de sua história... Os para-quedaistas tombando dos céus, como anjos da morte... Aviões aos milhares escurecendo o céu, a lembrar os gafanhotos de aço do Apocalipse (VERISSIMO, 1987, p.384).

A atitude de Vasco é quebrar o rádio e queimar os jornais que chegam até a fazenda para que eles não perturbem a paz que construía. Mas, subitamente, todos os mortos durante o conflito espanhol assolam a consciência do protagonista, fazendo-o concluir que não há fuga do passado, tampouco do presente, e que os horrores não podem ser esquecidos, pois não é suficiente ele ter mudado e tirado proveito de suas amargas experiências, é preciso transmiti-las para que outros não cometam os mesmos erros.

A forma como Vasco narra os acontecimentos, enfatizando pequenos detalhes, bem como relacionando os tempos presente, passado e futuro, pode ser relacionada com um conto de Eduardo Galeano, intitulado *O Elefante*:

Cuando era niño, mi abuela me contó la fábula de los ciegos y el elefante. Estaban los três ciegos ante el elefante. Uno de ellos le palpó el rabo y dijo:  
- Es una cuerda.  
Outro ciego acarició una pata del elefante y opinó:  
- Es una coluna.  
Y el tercer ciego apoyó la mano em el cuerpo del elefante y adivinó:  
-Es una pared.  
Así estamos: ciegos de nosotros, ciegos del mundo. Desde que nacemos, nos entrenan para no ver más que pedacitos. La cultura dominate, cultura del desvínculo, rompe la historia pasada como rompe la realidad presente; y prohíbe armar el rompecabezas (GALEANO, 1992 , p. 10-11).

Vasco, como testemunha dos acontecimentos e narrador de *Saga*, impediu a visão fragmentada e descontextualizada dos fatos, bem como a ênfase nos ideais da classe dominante. A sua forma de narrar a história pode ser denominada como dialética.

Walter Benjamin, em *Origem do Drama Barroco Alemão* (1984), fornece uma definição para história e historiador dialético. Ele expõe a relação entre um gênero literário – o drama barroco alemão - e uma forma histórica, a moderna.

A partir de uma crítica estilística do Barroco, formula sua filosofia da história segundo a qual o símbolo, que carece de viés dialético, não pode ser usado para explicar os conteúdos históricos. Por isso, ele utiliza o conceito de alegoria. No símbolo, existe uma totalidade momentânea, vista de forma imediata e acabada. Em contrapartida, a alegoria é um conceito geral, uma substituição da significação e, por isso, nela está ausente o momentâneo presente no símbolo, que permanece sempre encerrado, ao passo que a alegoria é passível de mudanças. O símbolo permanece estático, enquanto que a alegoria acompanha o fluxo temporal, e é a síntese da imaginação dialética, construída historicamente.

A interpretação alegórica determina a forma como Benjamin analisa o drama barroco e, logo, a história. O conflito barroco entre o sagrado e o profano, de uma ordem material em oposição a uma espiritual, é o alicerce do pensamento alegórico. A realidade está condicionada a essas tensões, cujo tempo não é místico, mas espectral. Na alegoria, o mundo profano é, entretanto, exaltado e desvalorizado.

O Barroco, conforme Benjamin (1984), é essencialmente a contraposição ao Renascimento, período que o antecede. É uma resposta à estética do belo, em que não há lugar para o improvisado, para o obscuro e para o fragmentado. A obra barroca mostra que a arte não é acabada, e parte da visão histórica fundamentalmente dinâmica, acidental, tumultuosa e confusa.

A alegoria da ruína é central na filosofia benjaminiana porque representa a transitoriedade da vida, a insignificância temporal da existência humana em vista da eternidade do divino: “Nisso consiste o cerne da visão alegórica: a exposição barroca, mundana da história como história mundial do sofrimento, significativa apenas nos episódios de declínio” (BENJAMIN, 1984, p.188).

Os ideais barrocos, por estarem calcados no declínio dos seres e da natureza, nas suas transformações e catástrofes e, por isso, ter o luto sempre presente, se prolonga por gerações, é a condição do homem temporal.

No texto *Sobre o conceito de história*, Benjamin formula teses em que reitera o caráter dialético da história. Coloca-se como tarefa para o historiador “pentear a história a contrapelo”, ou seja, trazer à tona novas identidades, fazer uma outra leitura dos documentos, possibilitar novos diálogos entre presente e passado e, principalmente, romper com a historiografia “progressista”.

Por não romper com essa concepção da história é que a social democracia alemã entendeu que o fascismo seria apenas um intervalo, uma regressão provisória destinada a desmanchar-se e que depois dele o progresso retomaria o seu curso natural e inexorável. Ao contrário, a opressão e a exclusão, representadas no contexto histórico vivido por Benjamin pelo fascismo, mas de maneira nenhuma estranhas em outros contextos históricos, são a regra, e não a exceção na história dos oprimidos. Portanto, o fascismo e todas as formas de totalitarismo não são aberrações condenadas ao desaparecimento. Para Walter Benjamin, a grande arma do fascismo e que o deixava mais forte era justamente o fato de que seus adversários acreditavam no progresso como uma norma histórica.

O filósofo faz uma leitura alegórica de uma obra de Paul Klee, denominado *Angelus Novus*:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Esta tempestade é o que chamamos de progresso (BENJAMIN, 1994, p.226).

O anjo, com vistas ao passado, quer reconstruir o outrora perdido, mas sente-se imobilizado, impotente para agir no presente diante da tempestade representada pelo progresso. A alusão se refere ao caráter da modernidade capitalista, ou seja, uma tempestade que acumula ruína sobre ruína, e distancia o passado do presente, destruindo, dessa forma, a memória cultural.

Conforme Benjamin, a maneira de superar a impotência do anjo é por meio da revolução proletária e da reconstrução da experiência por intermédio da rememoração, o que rompe, destarte, com a concepção linear da história. Pois essa concepção que se desenvolve rumo a um fim determinado, previsível e inevitável, representa um conformismo e, principalmente, um tradicionalismo, que impede que outras histórias, que não a da modernidade capitalista, possam vir-a-ser. Por isso, Benjamin afirma: “o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1994, p.224-225).

O filósofo discordava da ideia de que as descobertas técnicas e a dominação dos homens sobre a natureza levariam a humanidade a um progresso. Ele questiona o “marxismo vulgar”, o qual entende o aperfeiçoamento do trabalho como a solução dos males da atualidade e não admitia que os produtores não partilhassem dos produtos do seu trabalho. Ao contrário, o desenvolvimento de novas técnicas de trabalho acarretou a intensificação da exploração.

A marcha do progresso é alicerçada em um tempo homogêneo, em que os historiadores não criticam, mas apenas relatam os fatos executados pela classe dominante. O historiador dialético, ao contrário, analisa um tempo heterogêneo e trabalha para juntar os fragmentos das ruínas de outrora, e nenhuma tempestade é capaz de o deter.



As idéias benjaminianas podem ser confrontadas ao entendimento do historiador Vasco que, além de conceber os fatos históricos e os seres sendo passíveis de mudanças, e perceber que a vida do homem é uma sucessão de catástrofes, foi buscar no passado o entendimento dos incidentes do presente. Sua narrativa é descontínua, pois os valores do narrador são alterados ao longo do fluxo do enredo. *A priori*, ele abominava a violência, logo, foi lutar na Espanha para ajudar a extinguir um regime que considerava repressor. No início, considerava o passado inútil, e ansiava por novidades e transformações, tanto de ordem pessoal, como sociais. Porém, depois de experiências cruéis, volta a refletir sobre o outrora e julga encontrar a solução para suas aflições na volta aos moldes de vidas do pretérito, como o desapego aos bens materiais e a valorização da vida campestre.

Nesta concepção, a vida é o primeiro pressuposto para a narrativa histórica. Destarte, fazer história é um processo dinâmico, não meramente uma coletânea de fatos. Por isso, justifica-se a inclusão, na narrativa do historiador Vasco, de *sarna e poesia*, ou de personagens que, aparentemente, não tinham conexão com sua vida, como Eugênio Fontes, Chinita Pedrosa, entre outros.

O filósofo Martin Heidegger adota concepção semelhante à de Walter Benjamin em relação à narrativa histórica e ao historiador dialético. Em sua obra *Ser e Tempo*, ele define a temporalidade como atualizações do ter sido. Assim, o passado, que surte efeito, é de extrema importância na filosofia heideggeriana, na medida em que o porvir só se executa quando relacionado ao pretérito.

A presença, ou *Dasein*, modo como denomina as atuações do ser, só existe dentro de uma tradição: “Em seu ser fático, a presença é sempre e como o que ela já foi. Em cada um de seus modos de ser e, por conseguinte, também em sua compreensão de ser, a presença sempre já nasceu e cresceu dentro de uma interpretação de si mesma, herdada da tradição” (HEIDEGGER, 2009, p.310).

Na presença, que nunca está completa e sempre se posiciona em paralelo com o tempo histórico, há sempre algo pendente, que ainda não se tornou real, um poder-ser, ou seja, uma incessante inconclusão: “A não-totalidade significa uma pendência no poder-ser” (HEIDEGGER, 2009, p.310).

A partir dos atos da presença, que se fazem no tempo, Heidegger postula seu conceito de história:

História não significa apenas o passado no sentido do que passou, mas também a sua proveniência. O que “tem história” encontra-se inserido num devir. O seu “desenvolvimento” pode ser ora ascensão, ora queda. O que, desse modo, “tem uma

história” pode, ao mesmo tempo, “fazer” história. Fazendo época, determina-se numa atualização, o futuro. História significa, aqui, um “conjunto de acontecimentos e influências que atravessa “passado”, “presente” e “futuro”. Aqui, o passado não tem primazia (HEIDEGGER, 2009, p.470).

Em *Ser e Tempo*, o *Dasein* (a presença) é um ente que, lançado num mundo que o precede e condiciona, é, entretentes, capaz de ressignificar esse mundo.

A forma como Heidegger relaciona o ser e a história pode ser cotejada à análise da narrativa de *Saga*, porque a personagem principal demonstrou que fora lançada, pelas pancadas do destino, ao ambiente espanhol e, logo, para retornar ao Brasil. No entanto, ele não apenas obedeceu às condições *a priori* fornecidas, de se resignar diante dos fatos, mas tentou ressignificar-se ao se exilar no campo como forma de questionamento dos padrões de conduta modernos e das catástrofes executadas em nome do progresso. Mais do que isso, deixou registradas suas impressões como ex-combatente das Brigadas Internacionais, com o objetivo de fornecer ao porvenir sua análise, sempre passível de câmbios, para que outros não confundam *parede* com *elefante* ou fiquem inertes diante das carnificinas mascaradas de projetos modernizadores.

### 3 O ESCRITOR VASCO BRUNO E A FORMAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Jan Assmann, em *Religión y memoria cultural*, afirma que as transferências inconscientes pertencem ao campo da cultura, não ao biológico, opondo-se ao pensamento de Sigmund Freud, que acreditava que elas são herdadas geneticamente.

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Sigmund Freud relata que Moisés forneceu aos judeus uma nova religião e, principalmente, a ideia de um deus único. Tomando como premissa a história da religião judaica, Freud analisa a neurose traumática e os fenômenos de latência. Os fatos que podem ter sido repudiados pelos historiadores nunca se perderam realmente e continuam a assombrar a alma dos herdeiros desta memória.

O povo judeu abandonou a religião de Aten, que lhes foi dada por Moisés, e voltou-se para a adoração de outro deus. Porém, as tentativas de esconder esse fato foram infrutíferas, pois a lembrança da tradição manteve-se viva. Freud explica como uma tradição, que mergulhou no olvido, pode exercer efeito poderoso sobre a vida mental de um povo:

Todos os esforços tendenciosos de épocas posteriores fracassaram em disfarçar esse fato vergonhoso. Mas a religião mosaica não se desvaneceu sem deixar traço; algum tipo de lembrança manteve-se viva: uma tradição possivelmente obscurecida e deformada. E foi essa tradição de um grande passado que continuou a operar, que gradativamente adquiriu cada vez mais poder sobre as mentes das pessoas e que, ao final, conseguiu transformar o deus Javé no deus mosaico e redespertar para a vida a religião de Moisés que fora introduzida e, depois, abandonada havia longos séculos (FREUD, 1990, p. 54).

Um crescente sentimento de culpa, desde então, se apoderou do povo judeu. A inovação religiosa pela qual o judaísmo passou foi marcada pela transferência do deus paterno. Paulo, um judeu romano, apoderou-se desse sentimento de culpa e o fez remontar à sua fonte original, chamou-a de “Pecado original”, que fora um crime contra Deus, e só podia ser compensada com a morte. Um filho de Deus se permitira ser morto sem culpa e assim tomara para si toda a culpa de todos os homens:

(..) o cristianismo tornou-se uma religião do filho. O antigo Deus Pai tombou para trás de Cristo: Cristo, o Filho, tomou seu lugar tal como todo filho tivera esperanças de fazê-lo nos tempos primevos. Paulo, que conduziu o judaísmo à frente, também o destruiu. Fora de dúvida, ele deveu seu sucesso, no primeiro caso, ao fato de, através da ideia do redentor, exorcizar o sentimento de culpa da humanidade, mas deveu-o também à circunstância de ter abandonado o caráter “escolhido” de seu povo e se sinal visível – a circuncisão – de maneira que a nova religião podia ser uma religião universal, a abranger todos os homens (FREUD, 1990, p.62).

A nova religião, a cristã, não manteve os mesmos princípios do judaísmo. Não era mais estritamente monoteísta, pois tomou numerosos rituais de outros povos, restabeleceu a deusa-mãe, introduziu figuras do politeísmo e elementos supersticiosos, mágicos e místicos. Por muito tempo, a religião judaica foi suplantada pela nova, e permaneceu latente.

Entretanto, os judeus conseguiram manter, tenazmente, a memória do monoteísmo devido à tarefa, que lhes impôs Moisés, de recordar que haviam matado o pai. Um evento traumático que é a essência de uma religião.

Conforme Freud, toda a memória judaica é transmitida, não pela comunicação, mas herdada involuntariamente, de forma genética. É dessa forma que ele transfere sua forma de analisar casos individuais para os grupos humanos, a saber, a neurose, que é constituída de lembranças traumáticas e reprimidas. Freud se deteve, muitas vezes, em casos individuais, mas, quanto ao judaísmo, o caso é de neurose grupal.

A neurose que calca a religião judaica, ou seja, o assassinato do pai, é latente, porque o fato esquecido pode ser revivido: “O assassinato de Moisés constitui uma repetição desse tipo e, posteriormente, o suposto assassinato judicial de Cristo (...)” (FREUD, 1990, p.63).

Quando Moisés levou ao povo judeu a ideia de um deus único, significou a revivescência de uma experiência das eras primevas da família humana, que há muito tempo estava fadada ao esquecimento. Porém, essa época oculta fora deveras importante, pois deixou traços permanentes, análogas a uma tradição: “Uma ideia como essas possui um caráter compulsivo: ela deve ser acreditada. Até o ponto em que é deformada, ela pode ser descrita como delírio; na medida em que traz um retorno do passado, deve ser chamada de verdade” (FREUD, 1990, p.71).

A questão de recordações esquecidas e passíveis de retorno instigou Jan Assmann para pensar em uma base cultural para a memória dos grupos humanos. Para ele, a memória tem uma base dupla, a saber, a neuronal e a social. É através da faceta social que é possível entender a transmissão dos legados culturais:

(...) la memoria es un fenómeno social, y en la medida en que recordamos, no sólo descendemos a las profundidades de nuestra vida interior más propia, sino también introducimos en dicha vida un orden y una estructura que están socialmente condicionadas y que nos ligan al mundo social. Todo acto de la consciencia está mediado por lo social, y sólo al soñar se distiende esse acceso a nuestra vida interior que posee el mundo social y con que crea estructuras (ASSMANN, 2008, p.18).

A memória, vista sob a premissa cultural, pode recuperar em novos contextos aquilo que perdeu o caráter de imediatez. O texto escrito, que é uma das formas de se armazenar rastros mnemônicos, pode ser reafiorado e ressignificado: “La memoria no almacena el pasado en sí como bloque, sino que trabaja reconstruyendo aquellas escenas que cada sociedade considera necesarias según su situación particular y presente” (ASSMANN, 2008, p.16).

A memória coletiva, segundo Assmann (2008), é vulnerável às formas politizadas de recordações; a memória cultural, em contrapartida, permite que o indivíduo disponha livremente das existências mnemônicas e tenha a oportunidade de se orientar a seu bel-prazer, imerso na vastidão dos espaços de recordações.

O autor atenta para o fato de que, em memórias de catástrofes, como o caso do Holocausto, é imprescindível que se ergam monumentos culturais, entendam-se obras, textos e ritos, para que a política do esquecimento não tome lugar na difusão dessas memórias:

Todos saben y sienten con cuánta urgencia se requiere esta utópica forma del recuerdo, una paradójica intervención en la historia de violencia, injusticia y opresión que alcanzó su clímax en el siglo XX y de la forma más horrenda, a pesar de los decimonónicos sueños de progreso (ASSMANN, 2008, p.43).

Auschwitz faz parte não apenas da memória alemã, mas do legado cultural de diversas nações, pois envolveu vários países, que participaram como cúmplices, vítimas, culpados e herdeiros. Tornou-se um passado normativo, ou seja, aquele que não pode ser esquecido, sob nenhuma condição:

Su mandamento económico es “Auschwitz, nunca más”, con lo que no sólo se quiere decir que no debe haber nunca más víctimas del fascismo alemán, sino que nosotros – un “nosotros” que incluye a la humanidad – no queremos volver a ser autores, cómplices o votantes de um régimen que pisotea la dignidade humana (ASSMANN, 2008, p.43).

O fascismo alemão, que aterrorizou o mundo e que deixou traumas coletivos, teve seu início na Guerra Civil Espanhola, na qual inúmeros voluntários, oriundos dos mais diversos países, participaram e levaram para suas nações traumas a serem curados e, principalmente, as memórias que se fundiriam com a de seus povos. A personagem principal de *Saga* é um desses voluntários.

Com sua narrativa, Vasco Bruno produziu um monumento cultural em forma de texto. Conforme Assmann (2008), os textos culturais são:

(...) todos los complejos de signos que poseen una vinculación especialmente normativa y formativa para la sociedad en su conjunto, asegurando su identidad y sentido. No se trata únicamente de textos, sino también de danzas, ritos, símbolos, etc. Los textos culturales pretenden vincular a toda la sociedad, determinan su identidad y coherencia, estructuran el mundo de sentido dentro del cual ella se comprende a sí misma y también la consciencia de unidad, pertinencia y particularidad a través de cuya transmisión el grupo puede reproducirse a lo largo de las generaciones y volver a reconocerse como tal (ASSMANN, 2008, p.165).

Quando Vasco se incorporou às Brigadas Internacionais, levou consigo um fardo de lembranças acerca de sua vida no interior do Rio Grande do Sul, bem como dos poucos meses que passou em Porto Alegre antes de viajar para a Espanha. Essas memórias se fundiriam às lembranças sobre a Guerra Civil Espanhola, que ele traria para o Brasil e que, por sua vez, se modificariam conforme os acontecimentos vividos em seu país. As imbricações de memórias de diferentes instantes, que são passíveis de mudanças, é que compreende, segundo Assmann, a memória cultural:

En contraste con la memoria comunicativa, la cultural abarca lo originário, lo excluido, lo descartado, y en contraste con la vinculante y colectiva, abarca lo no instrumentalizable, lo herético, lo subversivo, lo separado. Con el concepto de memoria cultural alcanzamos el confín más remoto de nuestro punto de partida: la memoria individual en sus condiciones neuronales y sociales. (...) La memoria cultural es compleja, pluralista y labiríntica, engloba una cantidad de memorias vinculantes e identidades plurales distintas en tempo y en espacio, y de esas tensiones y contradicciones extrae sua dinámica propia (ASSMANN, 2008, p.50).

Assim que Vasco declara ao leitor de *Saga* que ele está registrando suas memórias, afirma, ademais, que é o *seu* ponto de vista sobre os acontecimentos, e a *sua* maneira de selecioná-los para seu enredo. Apesar disso, logo é perceptível que suas idiosincrasias se fundirão às de outros voluntários e, também, às de seus amigos e conhecidos do Brasil.

Talvez de maneira inconsciente, Vasco carrega consigo a memória de muitos dos acontecimentos históricos brasileiros anteriores à sua partida à Espanha. Um deles, que determinou sua vida de forma gritante, e que foi crucial para a história brasileira, é a decadência do patriarcado rural. Em romances anteriores a *Saga*, como *Música ao longe* e *Um lugar ao sol*, Vasco afirma que despreza o poder exercido pelos proprietários de vastas extensões de terras. Sua utopia é que toda a população pudesse dispor dos mesmos recursos. Em *Um lugar ao sol*, ele vive as consequências da decadência de um dos patriarcas, seu tio João de Deus Albuquerque, pois, após sua morte, ele tem que assumir todas as responsabilidades da família. Por isso, como é relatado em *Saga*, muda-se para Porto Alegre

e, depois de grandes dificuldades, resolve fugir, alistando-se para participar da Guerra Civil Espanhola. Através da personagem, a memória cultural brasileira e a memória da Espanha se entrelaçam.

A memória de Vasco não se mescla apenas à do povo espanhol, mas às dos outros voluntários brigadistas, como é o caso de José Gay da Cunha, que também registrou suas memórias na narrativa intitulada *Um brasileiro na guerra espanhola*. Ele também é gaúcho e, como Vasco, herdeiro do tradicionalismo feudal, pois abandonou a estância do pai para se aventurar em terras espanholas. Quando arguido sobre sua profissão, responde: “Estancieiro: quer dizer que no Brasil o meu pai é proprietário de uma estância e que eu trabalho nesta estância, com ele” (CUNHA, 1946, p.47).

Assim como Vasco, que, muitas vezes, se perguntou sobre os motivos de estar participando da guerra e o porquê da carnificina, Gay da Cunha reflete:

- Por que será que os espanhóis, tão nobres e trabalhadores, se matam hoje e destroem aquilo que custou tantos anos para construir?  
A resposta se insinuou tão sutilmente como a pergunta. Eu tinha vindo da América, essa América é como uma criança mal educada e sã, cujos tutores fazem o possível para a transformar em títere dócil às suas extravagâncias avarentas e especuladoras. Na África havia assistido como a civilização européia deixava a miséria nos sítios de onde tirava riquezas imensas...  
Nas águas do Atlântico português eu encontrara com uma frota de um couraçado e diversos destroires que ostentavam a bandeira de uma nação super-civilizada. Naturalmente que a Espanha, primitiva e boa, onde os homens sabem tirar das suas terras abrutadas uma riqueza extraordinária, não podia continuar estorvando a civilização europeia...  
Alguns senhores, donos absolutos da verdade, da cultura, da civilização e dos bons costumes, resolveram impulsar a civilização da Espanha.  
Interessante... Para civilizar, em nome de Deus, em nome de Cristo, infinitamente bom e misericordioso, os defensores da pátria e da família levavam as suas mensagens divinas em bombas de ar comprimido, que, de uma vez, matavam trezentas crianças, na praça de Catalunha, em Barcelona.  
Os tradicionalistas da grande Espanha Imperial haviam aprendido na história que o melhor caminho era o das práticas progressistas da inquisição. (...)  
Na nova e inculta América, os “gangsters” eram combatidos e encarcerados. Na velha Europa, berço da civilização, eram verdadeiros apóstolos, que salvariam a humanidade do mal.  
Que difícil para uma cabeça selvagem e mal educada compreender os mistérios da civilização... (CUNHA, 1946, p.84).

José Gay da Cunha acredita, assim como Vasco, que a carnificina disfarçada de projeto progressista é absurda, pois afirma: “Ali na Espanha estávamos defendendo o mundo contra a barbárie com máscara de civilização. Era preciso que cada um de nós tivesse consciência disso” (CUNHA, 1946, p.94).

O brigadista gaúcho deixa evidente, na sua narrativa, que um dos principais motivos para a eclosão da guerra civil espanhola foi a resistência, por parte dos latifundiários, do clero

e dos monarquistas, a acabar com o patriarcado rural. Quando ele faz um dos fascistas prisioneiros, e precisou vigiá-lo, tentou entender sua participação no conflito, e atribui à memória dos feitos passados uma parcela de culpa, ou seja, o fardo do passado que novas gerações carregam, perpetuando tradições iníquas e culpas:

Para mim, a impressão que me causara, era a de que se tratava de um filho de ricos, fanático que defendia os privilégios da aristocracia, com toda a arrogância dos convencidos de que a plebe se deve tratar com chicote e patas de cavalo. Esses indivíduos são capazes até de ser valentes quando se trata de defender seus privilégios ameaçados(...). Tipos como aquele existem aos montões espalhados pelo mundo. (...) esses homens, quando sentem que a boa vida está ameaçada e que será necessário trabalhar para viver confortavelmente, mostram abertamente o que são. O vício acumulado por muitas gerações e o costume do ócio e das facilidades, mesmo que o resto do mundo esteja morrendo de fome, reavivam-se no íntimo as figuras reacionárias dos seus antepassados. Então sentem que é preciso defender privilégios e são capazes de sacrificar a própria vida em defesa de suas prerrogativas (...). Uns lutam para não perder privilégios e os outros para conquistar direitos (CUNHA, 1946, p.143).

Em sua análise sobre o prisioneiro, o autor de *Um brasileiro na guerra espanhola*, fornece indícios para a confirmação do conceito de memória cultural de Assmann, pois descreve diversos elementos históricos, de distintas épocas e lugares, que pulsam no seu presente, momentos que foram decisivos para o estopim do conflito espanhol e que ele, Vasco e todos os envolvidos na guerra carregam, e que, por conseguinte, transmitem aos que tomam conhecimento de suas narrativas:

O meu homenzinho devia ser um daqueles que nunca trabalharam para viver e que receberam dos pais uma herança que eles por sua vez tinham recebido de outros e que em última instância tinha sido organizada por um corsário ou explorador espanhol, que descobrira na América uma boa parcela de ouro ou pedras preciosas e que, matando uma quantidade de índios relativamente pequena, transportara para a Europa os alicerces econômicos de uma grande família da aristocracia de hoje. Para eles a indústria é denigrante e um homem que faz fortuna ou emprega a sua numa fábrica, está engordando os miseráveis filhos do povo. Ele não tem tempo para preocupar-se com máquinas ou com salários. As caçadas, os bailes e os casamentos das casas principescas e dos grandes senhores são a única ocupação digna dos verdadeiros nobres (CUNHA, 1946, p.143).

José Gay da Cunha executa atos decisivos para o destino da guerra e para a proliferação de sua memória que se junta a de outros soldados e participantes e forma a Memória Cultural da Guerra Civil Espanhola. Uma de suas atitudes cruciais foi a de dar a seus companheiros a ordem de retirada de Cassá de la Selva para impedir suas mortes pelos fascistas. A situação se agravava, com a proximidade do exército franquista, para que pudessem esperar a permissão do Mando das Brigadas.



O comandante das Brigadas, André Marty, não gostou da atitude de Gay da Cunha. Mas, ao ouvir as justificativas do brigadista brasileiro, de que a situação era insustentável e a permanência naquele local só traria mais danos para a República espanhola, nomeou-o comandante da XV Brigada.

Logo, Gay da Cunha ouviu reclamações dos voluntários acerca da falta de apoio aos soldados por parte dos oficiais. Todos eram brasileiros: Nemo Canabarro Lucas, Dinarte Reis, Delcy Silveira, Eny Silveira, José Homem Correia de Sá e Homero Jobim, sendo esse quem forneceu seus relatos sobre a guerra para que Erico Verissimo criasse a personagem Vasco Bruno.

Outro brasileiro que deixou registrada suas memórias, como participante do conflito, foi Soares D’Azevedo, em *A Espanha em sangue*. Ele foi escolhido para representar o jornalismo católico do Brasil junto à Exposição Mundial de Imprensa Católica, em Roma. Logo, seguiu à Espanha. Sua narrativa é calcada em distinta interpretação da guerra, pois ele não foi lutar voluntariamente, e seu viés de análise trata das conseqüências que o conflito acarretou ao catolicismo.

Na narrativa de Soares D’Azevedo, a história da Espanha e a história do Brasil se fundem por intermédio do catolicismo, pois a anarquia e as afrontas à Igreja reinantes na Espanha, que fora um país extremamente rígido nos princípios cristãos, podia repercutir no Brasil.

Confortado com a assistência que me presta a embaixada, procuro reencetar meus trabalhos, dirigindo-me, cautelosamente, em horas de menos intensa fuzilaria, à direção da Acção Catholica Espanhola, calle conde de Aranda, e do mesmo modo às Ediciones Fax, na Plaza de San Francisco. O dr. Taboada prepara-se para procurar asylo em casa amiga, porque os catholicos e os fascistas não estão sendo mais procurados, mas *caçados*. O que elle me diz, essa insinuante figura do laicato catholico espanhol, é de cortar o coração. Uma verdadeira horda de selvagens está saqueando Madrid e praticando nella os mais horríveis latrocínios que a imaginação possa conceber (D’AZEVEDO, 1937, p.39).

O jornalista descreve cenas de tortura que cristãos sofreram por parte dos comunistas espanhóis:

Alguns turistas francezes vindos de Granada foram surpreendidos em pleno campo, amarrados a uma árvore e sumariamente fuzilados, porque em poder de um deles havia sido descoberta uma medalha de Santa Teresinha do Menino Jesus. Ao vigário de Puerto Gentil foi introduzida na boca uma grande quantidade de benzina, à qual depois se deitou fogo. O vigário de São Jeronymo teve a cabeça separada do corpo por uma navalha de barba, e a cabeça foi depois passeada em triumpho pelas ruas do lugar, enfiada num pau. O vigário de Buera foi queimado vivo em plena praça publica. Em Campana, três freiras foram amarradas com arame sobre elas se abateram muitos molhos de lenha secca, aos quaes se atirou em tição ardente. Como estes, posso eu citar centenas, se não milhares de casos devidamente testemunhados.

O vice-consul do Brasil em Barcelona, Couceiro, e o consul de Valencia, Navarro, contaram-me coisas que evito reproduzir aqui, porque ultrapassam toda a imaginação e tenho receio de que os leitores não acreditem nelas (D'AZEVEDO, 1937, p.58).

Para quem estava envolvido no conflito, como foi o caso de Soares D'Azevedo, qualquer motivo poderia custar a vida, como o de ser um jornalista católico, o que enfureceria um das frentes da guerra, os comunistas. Por outro lado, ser brasileiro, que tão prontamente fazia menção ao caso Prestes, deixaria aos franquistas ressabiados, e poderiam fuzilá-lo.

Soares D'Azevedo foi enviado como representante do catolicismo e, por conseguinte, defensor dos ideais franquistas. Mas, no ambiente hostil da guerra, ambas as frentes, republicanos e franquistas, cometeram desatinos e tornaram infrutífera a crença na instauração da ordem e da paz.

Há um momento que D'Azevedo chega ao extremo de dissimular suas convicções para preservar sua vida:

Dahi a momentos, privo-me do meu rosário, o velho rosário que nunca me desampara, da humilde lembrança da primeira comunhão de minha filha, do escapulário do Carmo, das medalhinhas que evocam momentos solenes da minha vida espiritual. Em nome da liberdade. Para não ser trucidado pelos novos salvadores do mundo! Ah! Como isto é horrível! Como isto é horrível! (D'AZEVEDO, 1937, p.83).

Para ele, a revolução é incognoscível:

Esta é a Espanha que eu venho encontrar em julho de 1936, fratricida, parricida, assassina, suicida, varrida pelo mais impetuoso tufão de loucura que jamais açoitou a Europa monumental. “Manos arriba!” eis o grito de suspensão de todas as liberdades, eis a ordem despótica do marxismo triunfante – nem sei bem por quanto tempo – em terras de Cid Campeador. Heroes, santos, sábios, artistas, martyres, filantropos, operários de ideal, fabricantes da maior epopéa que assombrou o mundo, vivos ou mortos, jazendo em cemitérios, encerrados em ataúdes de ouro e prata ou vivendo a luz madrilenha, grande e cantante, todos são ultrajados no mais cynico, no mais cruel, no mais repugnante atentado a que o mundo assistiu estarecido (D'AZEVEDO, 1937, p.120).

Ao longo se sua narrativa, ele deixa evidente que ambos os lados em conflito são inescrupulosos e levam o país a uma completa ruína: “É o fim da Espanha? Mais do que isso, porque é o fim de uma civilização. E não nos iludamos, porque “legalistas” e “revoltosos” equivalem-se em crueldade” (D'AZEVEDO, 1937, p.136).

Os comunistas, ao longo do desenvolvimento da guerra, esqueceram seus ideais de mudar o regime político e concentraram-se, segundo o que consta na narrativa de D'Azevedo,

no ódio que sentiam pelos católicos e passaram a massacrar a todos os adeptos da Igreja Católica, sem motivos ou propósitos definidos. Para ele, esses homens se animalizaram:

Não é de se afirmar que estão todos loucos varridos? ou que pela alma destes energúmenos acaba de passar uma corrente de bestialidade? Em Malaga as freiras são despidas, ultrajadas e, quando não mortas a frio, jogadas à rua em plena nudez. Outras são atadas aos postes de iluminação e expostas aos maus tratos da rale, depois do que os communistas lhes retalham os corpos a navalha. Os aristocratas são amarrados às caudas de cavalos e assim arrastados pelas ruas das cidades ou povoados, até que os seus corpos se estraçalhem. A outros arrancam a pelle, as unhas, cortam a língua (D'AZEVEDO, 1937, p.143)

Depois de testemunhar carnificinas, D'Azevedo se preocupa com as gerações futuras, as que legarão a memória espanhola carregada de atrocidades, traumas e culpas:

Que povo vae sair da Espanha, depois de tantos horrores? Que mentalidade se formará, mesmo que os nacionalistas ganhem a partida? que espécie de pudor, de castidade, de sentimentos delicados estarão presentes a milhões de crianças que assistiram, ouviram, leram tantas barbaridades? Porque, convenhamos, não se trata mais de uma luta de partidos, a que o publico seja extranho. Aqui é todo o povo, homens, mulheres e crianças, envolvido na carnificina, uns atacando, outros defendendo-se. Não se pense que por parte dos rebeldes, ou assim chamados, os actos de crueldade não sejam também cometidos. Na guerra como na guerra. A reação tem sido horrorosa, e os generaes nacionalistas declaram sem reбуços que é necessário limpar, limpar, limpar... (D'AZEVEDO, 1937, p.143).

Não apenas os herdeiros espanhóis foram atingidos pelo fardo de uma memória enferma, mas, também, outros povos, através das lembranças de voluntários e das conseqüências que a guerra legou ao mundo.

Voluntários de outros países compartilham da memória cultural da Guerra Civil Espanhola, como George Orwell, oriundo da Inglaterra, que registrou suas recordações em *Lutando na Espanha e recordando a Guerra Civil*.

Para ele, é impossível entender o conflito espanhol apenas pelo viés militar, pois foi uma guerra partidária. No início, assim como Vasco, George Orwell se destina à Espanha somente por espírito de aventura, mas, logo, começa a compreender a magnitude do que está envolvido.

O fato de muitos países se envolverem na Guerra Espanhola, deve-se, conforme Orwell, à tentativa de acabar com o fascismo:

Ao irromper a luta em 18 de julho, é provável que todos os antifascistas na Europa tenham sido tocados pela esperança, pois ali, finalmente, e pelo que parecia, a democracia punha-se de pé contra o fascismo. Por anos a fio os chamados países democráticos tinham-se curvado ao fascismo, a cada passo. Aos japoneses dera-se

mão livre na Manchúria. Hitler tomara o poder e passara a massacrar os adversários políticos de todos os tipos. Mussolini bombardeara os abissínios enquanto cinquenta e três nações (acho que foram cinquenta e três) emitiam sons piedosos – e ficavam de fora. Mas quando Franco tentou derrubar um Governo levemente esquerdista o povo espanhol, contra todas as expectativas, levantara-se contra isso. Parecia – e talvez fosse – a virada da maré (ORWELL, 1986, p.53).

O que difere o fascismo de Franco de suas outras faces é que ele tinha a seu favor o Clero e a aristocracia, e tinha contra si a classe trabalhadora e a burguesia liberal, pois seu intuito, antes de instaurar um regime opressivo, era restaurar o feudalismo.

Análogo ao narrador Vasco Bruno, George Orwell relata os mais horrendos detalhes da guerra, como são os casos dos piolhos, também relatados em *Saga*. Em *Lutando na Espanha e recordando a Guerra Civil*, vê-se: “Então, há glória na guerra, hem? Na guerra todos os soldados são piolhentos, pelo menos quando faz calor suficiente. Os homens que combateram em Vedun, Waterloo, Flodden, Senlac e nas Termópilas – todos eles tinham piolhos arrastando-se por seus testículos” (ORWELL, 1986, p.81).

Orwell chama a atenção para a confusão partidária em que a guerra se tornou, pois, depois de um tempo combatendo em Barcelona, ele não sabia distinguir as frentes, tampouco quem estava vencendo: “Que diabo estava acontecendo, quem lutava contra quem, e qual lado vencia, eis indagações que inicialmente foram bem difíceis de responder” (ORWELL, 1986, p.141).

Assim como outros voluntários que registraram suas lembranças da Guerra Civil Espanhola, como a personagem Vasco Bruno, George Orwell deixa nítido que suas atitudes contribuíram para câmbios na história: “Quando se toma parte em acontecimentos assim está-se ao menos um pouco, a meu ver, fazendo a história, e por todos os títulos devíamos sentir-nos como personagens históricos” (ORWELL, 1986, p. 148).

As lutas em Barcelona, conforme Orwell, foram decisivas para o desfecho do conflito. Ao narrá-las, ele analisa uma das peculiaridades da narrativa histórica e da memória cultural:

Jamais se poderá obter um relato inteiramente preciso e imparcial sobre as lutas em Barcelona, porque não existem os dados necessários. Os futuros historiadores nada terão em que basear-se exceto um amontoado de acusações e propaganda partidária. Eu mesmo disponho de poucos dados além do que vi e o que fiquei sabendo mediante testemunhas oculares que acredito idôneas. Ainda assim, posso contraditar algumas das mentiras mais flagrantes e ajudar a situar a questão em alguma perspectiva (ORWELL, 1986, p.159).

Depois de ser ferido na garganta, Orwell recebe permissão para retornar à Inglaterra. Neste estágio de sua narrativa, ele afirma que foi o momento de fazer o balanço do que fora

antes da guerra e do que se tornou. Além disso, é o momento que despende à observação da paisagem espanhola, que tanto idealizara:

Os detalhes daquela jornada final apresentam-se em minha lembrança com uma clareza estranha. Eu me encontrava com espírito diferente, mais observador do que ocorrera naqueles últimos meses. Recebera minha baixa, carimbara com o selo da Vigésima-Nona Divisão, bem como o atestado médico no qual era “declarado inútil”. Estava livre para regressar à Inglaterra e por consequência sentia-me capacitado, quase pela primeira vez, a observar a Espanha. Era preciso aguardar um dia em Barbastro, pois ali só partia um trem diário, e em ocasiões anteriores eu vira a cidade em vislumbres, e ela me parecera apenas uma parte da guerra – um lugar acinzentado, enlameado e frio, cheio de caminhões tonitruantes e soldados esfarrapados. Agora parecia coisa bem diversa. Percorrendo-a, notei as ruas agradavelmente sinuosas, velhas pontes de pedra, casas de vinho com enormes barris da altura de um homem, e lojas semi-subterrâneas mais atraentes (...) Era estranho perceber que por quase seis meses eu não tivera olhos para ver coisas assim. Tendo no bolso os documentos de baixa, eu me sentia novamente ser humano, e também um tanto turista. Sentia que estava realmente na Espanha, país que por toda a vida desejara visitar. Nas ruas menores e calmas de Lerida e Barbastro, pensei ter um vislumbre, um tipo de percepção distante daquela Espanha que está presente na imaginação de todos. (...) Era uma pena que quando finalmente conseguisse chegar lá, visse apenas aquele canto ao nordeste, em meio a uma guerra confusa e durante o inverno na maior parte do tempo (ORWELL, 1986, p.214).

Assim como para Vasco Bruno, para o narrador de *Lutando na Espanha e recordando a Guerra Civil*, as experiências e lembranças do conflito operaram significativas mudanças em sua maneira de analisar a história e os seres humanos. E sua esperança na consolidação da paz é enorme, apesar dos horríveis momentos que passara no país de Don Quijote.

George Orwell finaliza sua narrativa, afirmando que a importância de se perpetuar as memórias é imensa, pois os ex-voluntários constituem uma fonte propícia ao desmascaramento das políticas de esquecimento. Indubitavelmente, esse é também o desejo da personagem Vasco Bruno e de outros combatentes. Eles puderam contribuir para difundir informações que foram desprezadas pelos meios de comunicação de muitas nações:

(...) a maior parte das classes instruídas, inglesas ou norte-americanas, manifestou-se claramente ignorante disso naquela ocasião, e continuam a sê-lo agora. Nossas memórias mostram-se fracas hoje, mas voltemos atrás um pouco, examinemos os arquivos de *New Masses* ou *Daily Worker*, e bastará um olhar à tralha guerreira que nossos esquerdistas empregavam naquela ocasião. Aquelas frases antigas e cediças! A insensibilidade destituída de imaginação em tudo aquilo! (ORWELL, 1986, p.247).

O fato de haver uma política de ocultamento dos fatos e, por conseguinte, de esquecimento, ou, além disso, a incompreensão das razões e consequências da guerra, levam

Orwell a concluir que isso é uma das características da modernidade, que, aliás, foi a responsável pela catástrofe espanhola:

Tornamo-nos civilizados demais para compreender o que é óbvio, pois a verdade não pode ser mais simples. Para sobreviver, muitas vezes é preciso lutar, e para lutar temos de emporcalhar-nos antes. A guerra é um mal, e com frequência constitui o mal menor. Os que tomam a espada morrem por ela, e os que não a fazem morrem de doenças fedorentas. O fato de que tal trivialidade mereça registro demonstra o que os anos de capitalismo rentier nos fizeram (ORWELL, 1986, p.248).

O escritor se preocupa com a maneira que a história será contada, pois, lembrando exemplos de outras guerras que ocorreram, é a concepção dos vencedores que perdura. Passado alguns anos, depois que testemunhas do lado derrotado morrem, suas memórias são, muitas vezes, olvidadas, e permanece a da classe dominante. Porém, essa preocupação não pertenceu apenas a ele, muitos dos voluntários brasileiros e, com certeza, de outros países registraram suas experiências e formaram, assim, a Memória Cultural da Guerra Civil Espanhola, aquela que abarca o rejeitado, o fracassado, o incompreendido e o amálgama de distintas concepções.

As divergências das obras dos ex-soldados, que se imbricam para formar a Memória Cultural da Guerra Civil Espanhola, são o resultado da assimetria das datas em que elas foram escritas e/ou publicadas.

*Espanha em sangue*, de Soares D’Azevedo, foi escrita durante o conflito e publicada antes mesmo de seu término, em 1937. A narrativa de Orwell, *Lutando na Espanha e recordando a Guerra Civil*, muito embora tenha sido traduzida para o português em 1986, foi publicada em 1938, ainda quando a Espanha estava em ruínas. A obra de José Gay da Cunha, por sua vez, teve sua publicação em 1946, quando o Brasil já havia participado da Segunda Guerra Mundial, e esta já havia finalizado.

Não é estranho que apenas o participante brasileiro católico tenha publicado seu livro entretantes a proliferação do conflito, pois os republicanos foram à Espanha sem a permissão do governo, e, por isso, tiveram que esperar um tempo para que o presidente se declarasse antifascista e os aceitasse, bem como às suas narrativas.

*Saga*, por exemplo, em que Erico Verissimo, tomou como premissa o relato do ex-combatente Homero de Castro Jobim, foi lançada em 1940, em meio à desilusão que o pacto germano-soviético causou em muitos intelectuais. O Brasil, nesta data, ainda não havia se oposto aos países do Eixo, a saber, Alemanha, Japão e Itália.

Na década de quarenta, ao mesmo tempo em que Vargas contraia empréstimos com os Estados Unidos, comandava um governo próximo ao nazifascismo. As autoridades americanas, dessa forma, se preocupavam com a possibilidade de o Brasil apoiar os nazistas e pediam uma aliança com o Brasil. Então, em 1942, Getúlio declarou guerra contra os italianos e alemães, com o intuito de ampliar seu prestígio junto ao EUA.

Todavia, antes dessa declaração o governo brasileiro se mostrava adepto dos ideais fascistas e tentava, de várias maneiras, provar que os republicanos espanhóis e seus aliados eram inconsequentes e eram os únicos responsáveis pelas carnificinas. Por isso, Erico declara, no prefácio de sua obra: “*Saga* é o mais controvertido de todos os meus romances. Creio que isso se deve principalmente ao seu conteúdo político, que desagradou com igual intensidade tanto a esquerdistas como a direitistas” (VERISSIMO, 1987, p.9). Não agradou aos da direita porque era uma narrativa com pendores marcadamente republicanos e, para os de esquerda, o desfecho de acomodação foi uma afronta.

Mesmo contra a vontade de muitos, a neurose traumática é superior à política do esquecimento que reinou por muito tempo, e as obras dos ex-voluntários vieram à tona porque eles não podiam encerrar para si suas lembranças traumáticas. Assim como para os judeus, que não conseguiram esconder o crime de ter simbolicamente matado o pai, todos os envolvidos no conflito, bem como os herdeiros das recordações são *devedores*, e precisam do trabalho da rememoração para apaziguar o trauma, e jamais esquecer-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise da obra *Saga*, constatamos que a personagem Vasco Bruno, através da narrativa de suas experiências na Guerra Civil Espanhola, entrecruza a história do Brasil e a da Espanha. Ao se alistar como voluntário, ele não apenas levou consigo o intuito de aventurar-se, mas também o fardo de muitos acontecimentos decisivos para a proliferação da memória histórica de seu país. Do mesmo modo, ao retornar, trouxe as memórias enfermas de um país em guerra, que iriam se juntar a outros fragmentos da história do Brasil.

Pouco antes de Vasco ir para a Espanha, o Brasil passara por algumas tentativas de transformações políticas, como a fundação do Partido Comunista em 1922. Ademais, houve a Coluna Prestes, movimento armado que ocorreu entre 1925 e 1927 e que visava derrubar as oligarquias que dominavam o país. Quando Getúlio assume o poder, em 1934, aconteceram tentativas esquerdistas de derrubá-lo, pois estes temiam a implantação de uma ditadura com inclinações nazifascistas. Porém, Vargas aboliu todos os partidos e organizações civis.

Diante das aspirações infecundas, os esquerdistas brasileiros viram com esperança a participação no conflito espanhol, pois eles se identificavam com a causa dos republicanos, que também queriam mudanças no governo, especialmente a queda da monarquia e do regime latifundiário.

Destarte, Vasco foi para a Espanha desejando abolir seu passado. Entretanto, quando as dificuldades começaram, ele concebeu suas memórias do Brasil como um refúgio que o consolava e desejou esquecer o ambiente hostil em que estava inserido. É dessa forma que ele transformou a narrativa de suas memórias sobre a guerra em uma verdadeira letotécnica, que, segundo Weinrich, é uma forma de narrar em que o esquecimento é ressaltado e discutido.

Porém, esquecer é tarefa incomensuravelmente mais complicada do que o protagonista imaginava, pois, segundo Henri Bergson, lembrança alguma é subtraída, há apenas algumas rupturas no vir-a-ser do passado. Mesmo contra a vontade de Vasco, as lembranças assolaram sua mente e se imbricaram à sua narrativa, tornando o enredo dialético, a saber, aquele que leva em consideração os contrastes que, neste caso, são o olvido e a rememoração.

Ao longo da narrativa, Vasco mudou sua concepção, especialmente ao retornar ao Brasil e fazer uma análise de suas atitudes. Do esquecimento completo, passou a desejar um esquecimento de reserva. Ele acreditou, doravante, que o olvido sem análise dos acontecimentos não seria profícuo, mas sim a transmissão de suas experiências, numa espécie



de catarse da culpa que sentia por ser parcialmente responsável por mortes, e dos traumas que adquiriu durante o conflito.

A partilha de suas lembranças fê-las se cooptarem à Memória Cultural da Guerra Civil Espanhola. Somente um narrador dialético poderia contribuir lapidarmente para a formação da Memória Cultural, que, segundo Jan Assmann é a que abarca distintas interpretações, e tornar sua narrativa passível de mudanças, complementações e comparações com as de outros ex-combatentes.

Vasco Bruno relatou os mais distintos e inesperados detalhes da guerra, que certamente seriam desprezados por um historiador não dialético, como os sentimentos de insegurança, medo, arrependimento e pessimismo que muitos dos soldados sofreram, os diversos tipos humanos que participaram do conflito, o caso de sarna, pulga e piolho que atormentou aos combatentes, além de sua própria incoerência e pusilanimidade diante dos fatos.

Ao retornar ao seu país, continuou a analisar tipos humanos, e imbricar às suas antigas concepções, novas ideias, demonstrando, assim, que sua forma de examinar a História e os seres que dela fazem parte é dialética, sempre passível de mudanças e, principalmente, uma complementação dos tempos passado, presente e futuro.

A definição de Vasco como historiador dialético foi calcada nas teorias de Walter Benjamin e Martin Heidegger. Aquele enfatizou, majoritariamente, a peculiaridade do historiador dialético de fornecer novas possibilidades de diálogos para os acontecimentos históricos; este afirma que o ser é condicionado pelo tempo que o antecede e pelo tempo que o acompanha, mas, entretanto, pode ressignificá-los.

Foi o que fez a personagem principal de *Saga*: ressignificou a História brasileira ao combater na guerra civil espanhola e deixar registrada sua aventura, e possibilitou o diálogo entre a história de seu país e da nação em que foi voluntário, ademais do dialogismo entre sua obra e de outros combatentes, que formaram a Memória Cultural da Guerra Civil Espanhola.

A crítica literária e o autor de *Saga*, Erico Verissimo, pouco falam sobre o romance analisado, muito embora sua imensurável importância como texto cultural e como uma forma de protesto contra as barbáries que não podem ser esquecidas. A personagem Vasco, nas páginas derradeiras da narrativa, ao sentir-se inseguro quanto à relevância de sua participação na guerra, almejou que nada do que ele e outros passaram alhures fosse olvidado. Por sua vez, Homero de Castro Jobim, que foi combatente e forneceu seu diário a Erico para a criação da personagem, declarou, em uma entrevista a José Carlos Sebe Bom Meihy: “Mas eu não sei se

esse grão de areia que sou teve importância na resultante universal, na resultante para o bem-estar do povo espanhol, da vida espanhola” (MEIHY, 2009, p.185).

Sua pequena participação não apenas foi solidária para com os republicanos espanhóis, que eram belicamente inferiores aos franquistas, mas também oportunizou a criação de um enredo e uma personagem que, como visto ao longo de nossa análise, apresentou um acontecimento histórico de forma dialética, propiciando aos *devedores* desta memória a oportunidade de perpetuá-la e discuti-la. A personagem principal de *Saga*, no início da narrativa, tinha como escopo esquecer suas experiências. Porém, mudou sua concepção e elaborou um texto cultural que prima pela transmissão e discussão das lembranças.

Apesar da causa que Vasco e outros voluntários defenderam na Espanha ter sido perdida, ele pode se juntar ao coro que defende a liberdade, implícito no poema de Manuel Bandeira, *No vosso e em meu coração*:

Espanha no coração  
 No coração de Neruda,  
 No vosso e em meu coração.  
 Espanha da liberdade,  
 Não a Espanha da opressão.  
 Espanha republicana:  
 A Espanha de Franco, não!  
 Velha Espanha de Pelaio,  
 Do Cid, do Grã-Capitão!  
 Espanha de honra e verdade,  
 Não a Espanha da traição!  
 Espanha de Dom Rodrigo,  
 Não a do Conde Julião!  
 Espanha republicana:  
 A Espanha de Franco, não!  
 Espanha dos grandes místicos,  
 Dos santos poetas, de João  
 Da Cruz, de Teresa de Ávila  
 E de Frei Luís de Leão!  
 Espanha da livre crença,  
 Jamais a da Inquisição!  
 Espanha de Lope e Góngora,  
 De Góia e Cervantes, não  
 A de Felipe II  
 Nem Fernando, o balandrão!  
 Espanha que se batia  
 Contra o corso Napoleão!  
 Espanha da liberdade:  
 A Espanha de Franco, não!  
 Espanha republicana,  
 Noiva da Revolução!  
 Espanha atual de Picasso,  
 De Casals, de Lorca, irmão  
 assassinado em Granada!  
 Espanha no coração

De Pablo Neruda, Espanha  
No vosso e em meu coração!  
(BANDEIRA, 2004, p.87-88).

A causa republicana não chegou ao ápice, foi apenas *noiva da revolução*, segundo Manuel Bandeira, mas foi suficiente para adiar e dificultar a instauração da ditadura franquista e, principalmente, propiciar a voluntários como Vasco a oportunidade, através de seus textos culturais, de acender uma luz sobre os acontecimentos para que um passado de suprema beleza de ideais e experiências profícuas não se desvanecesse na vasta corrente do Letes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, J. **Religión y memoria cultural**: diez estudios. Buenos Aires: Limod, Libros de la Araucaria, 2008.

BANDEIRA, M. **Meus poemas preferidos**. 8 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Vol.1.

\_\_\_\_\_. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDIDO, A. Erico Verissimo de 1930 a 1970. In: BORDINI, M.G (Org). **Caderno de Pauta Simples**: a literatura de Erico Verissimo e a crítica literária. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

COTRIM, G. **História e consciência do mundo**. São Paulo: Saraiva, 1997.

CUNHA, J.G. **Um brasileiro na Guerra Espanhola**. Porto Alegre: Globo, 1946.

CUNHA, E. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

DRUMMND DE ANDRADE, C. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Moisés e o monoteísmo . In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira, 1990.

GALEANO, E. **Ser como ellos y otros artículos**. Espana: Siglo XXI, 1992.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. parte I. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MANN, Thomas. **A montanha mágica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MEIHY, J.C.S.B; FILHO, C.B. **A Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Ática, 1996.

MEIHY, J.C.S.B. **A revolução possível**: história oral de soldados brasileiros na Guerra Civil Espanhola. São Paulo: Xamã, 2009.

ORWELL, G. **Lutando na Espanha e recordando a Guerra Civil**. Porto Alegre: Globo, 1986.

PLATÃO, **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

SOARES, D. **Espanha em sangue**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1937.

TINHORÃO, J.R. **A música popular no romance brasileiro**. São Paulo, Editora 34, 2002. Vol 3: Século XX.

VERISSIMO, E. **Saga**. 21 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

\_\_\_\_\_. **Música ao longe**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Um lugar ao sol**. 35 ed. São Paulo: Globo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Solo de clarineta**. 4 ed. Porto Alegre, Globo, 1974. Vol.1.

WEINRICH, H. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.